



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**CAROLINA BERGAMO GOMES AMATO**

**CONFIGURAÇÕES DA PERSONAGEM “CAPITOA” EM CONTOS  
SELECIONADOS DE HÉLIO SEREJO**

---

Campo Grande/MS

2017

**CAROLINA BERGAMO GOMES AMATO**

**CONFIGURAÇÕES DA PERSONAGEM “CAPITOA” EM CONTOS  
SELECIONADOS DE HÉLIO SEREJO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Susylene Dias de Araujo

Área de concentração: Linguagem - Língua e Literatura.

Campo Grande/MS

2017

A524c Amato, Carolina Bergamo Gomes

Configurações da personagem “Capitão” em contos selecionados de Hélio Serejo. Carolina Bergamo Gomes Amato. Campo Grande, MS: UEMS, 2017.

90f.; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Susylene Dias de Araujo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Campo Grande, 2017.

1.Hélio Serejo. 2.Personagem feminina. 3.Identidade. 4. Universalidade.  
I.Título.

CDD 23.ed. 801.95

## **CAROLINA BERGAMO GOMES AMATO**

### **Configurações da personagem “Capitão” em contos selecionados de Hélio Serejo**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

#### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Susylene Dias de Araujo (Membro Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Volmir Cardoso Pereira (Membro Interno)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leoné Astride Barzotto (Membro Externo)  
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

---

Prof. Dr. Daniel Abrão (Membro Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliane Maria de Oliveira (Membro Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 30 de março de 2017.

A minha mãe, *Maria Inês*, que me ofereceu suporte e incentivo para conquistas pessoais e profissionais.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tornar possível a realização deste trabalho e estendo este gesto a todos que se fizeram importante durante as etapas do mestrado, destacando:

minha mãe, Maria Inês, que me ensinou a valorizar a busca pelo conhecimento e me incentiva a não desistir dos objetivos traçados.

meu amado esposo, Eduardo Torres, meu maior incentivador, que com amor e paciência contribuiu muito para o término dessa pesquisa.

a professora Susylene Dias de Araujo, por ter aceito a orientação da pesquisa, pelo apoio e paciência no decorrer da realização deste trabalho, além da competência no trabalho desenvolvido.

todos os professores do Programa de Mestrado da UEMS/ Campo Grande, que de alguma forma contribuíram para a obtenção de conhecimentos que influenciaram em minha formação.

a querida amiga Laura Maria Paim, pelo incentivo, auxílio, amizade, exemplo de força, pureza e amor. Sem dúvida, suas contribuições foram de extremo valor para minha formação acadêmica e pessoal.

Lysi Moretti, então chefe de setor da Secretaria Municipal de Educação, a quem deixo meu agradecimento especial por ter se disposto a conseguir meios para que eu iniciasse meus estudos no Programa de Mestrado, atitude que guardarei em meu coração e serei eternamente grata.

os chefes do setor de trabalho, em especial, Denise Takemoto, pela compreensão e auxílio nos momentos em que mais precisei, no decorrer desta jornada.

Ana Carla e Amanda, minhas queridas irmãs, os amigos e os colegas de trabalho que ajudaram incentivando e valorizando este momento tão importante para minha vida acadêmica.

*Nada escapara dos meus olhos interrogantes.  
Era, em verdade, um menino, que tudo queria  
saber. Aquele complexo de afazeres, um mundo  
diferente dos demais de que tinha conhecimento  
com suas originalidades, me empolgava. (Hélio  
Serejo)*

AMATO, Carolina Bergamo Gomes. **Configurações da personagem “Capittoa” em contos selecionados de Hélio Serejo**. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é promover um estudo sobre a personagem feminina em contos selecionados de Hélio Serejo. Para efeitos de análise, o estudo concentra-se principalmente na personagem Capittoa, presente na obra *Quatro Contos* (1939/2008). Na seleção dos contos, registramos recorrência às *Obras completas de Hélio Serejo*, publicadas em 2008 e, ao longo do trabalho, procuramos visualizar todas as personagens femininas apresentadas em contos e crônicas do autor em questão, para que, assim, a personagem Capittoa, fosse evidenciada pelo seu comportamento diferenciado no conjunto histórico e geográfico da obra, possibilitando reflexões a respeito da construção de sua identidade cultural. O estudo proporciona, inicialmente, a apresentação do autor Hélio Serejo, de sua fortuna crítica e uma visada teórica sobre o local e o universal, bem como do entre-lugar na literatura regionalista, com percepção de um discurso híbrido, cuja narrativa se desenvolve no processo de fusão dos discursos. Em seguida, um panorama da personagem feminina na literatura brasileira proporciona o contato e a visualização de uma gama de situações em que as mulheres se apresentam imersas em um histórico de inferioridade, situação comum às personagens femininas serejeanas, que no conjunto das personagens femininas da literatura brasileira, suscitam inquietações sociais semelhantes. À luz dos Estudos Culturais, das contribuições de Jonathan Culler (1999), Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2006), Zilá Bernd (2003), além de outros teóricos, podemos compreender a construção identitária da personagem Capittoa como um processo capaz de constituí-la por camadas diferenciadas dos moldes esperados no período do Ciclo da Erva-mate do antigo Mato Grosso, no final do século XIX, na região da fronteira Brasil-Paraguai, conforme apresentamos.

**Palavras-chave:** Hélio Serejo. Personagem feminina. Identidade. Universalidade.



AMATO, Carolina Bergamo Gomes. **Settings of the character "Capitoa" in selected stories by Hélio Serejo.** 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

### ABSTRACT

The objective of this dissertation is to promote a study on the female character in Hélio Serejo's selected short stories. For purposes of analysis, the study focuses mainly on the character Capitoa, present in the book *Four Tales* (1939/2008). In the selection of the short stories, we recorded recurrence to the *Complete Works of Hélio Serejo*, published in 2008 and, throughout the work, we tried to visualize all the female characters presented in short stories and chronicles of the author in question, so that the character Capitoa was Evidenced by its differentiated behavior in the historical and geographical set of the work, allowing reflections on the construction of its cultural identity. The study initially provides the presentation of the author Hélio Serejo, his critical fortune and a theoretical view on the local and the universal, as well as the inter-place in regionalist literature, with a perception of a hybrid discourse whose narrative develops in the Process of merging speeches. Then, an overview of the female character in the Brazilian literature provides the contact and the visualization of a range of situations in which women present themselves in a history of inferiority, a situation common to the female characters of the Serejeans, who, in the group of female characters in literature Similar social unrest. In the light of Cultural Studies, the contributions of Jonathan Culler (1999), Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2006), Zilá Bernd (2003), besides other theorists, we can understand the identity construction of the Capitoa character as a process capable to constitute it by differentiated layers of the molds expected in the period of the Cicle of Erva-mate of the old Mato Grosso, in the end of century XIX, in the region of the Brazil-Paraguay border, as we present.

**Keywords:** Hélio Serejo. Female character. Identity. Universality.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	11
-------------------------------------	----

### **CAPÍTULO I**

<b>HÉLIO SEREJO E AS FACES DO REGIONALISMO</b> .....	16
1.1 Hélio Serejo: trajetória biográfica.....	17
1.2 A fortuna crítica de Hélio Serejo.....	21
1.3 O regionalismo multifacetado.....	24
1.4 Hélio Serejo: do regional ao universal.....	31

### **CAPÍTULO II**

<b>FIGURAS FEMININAS E SUAS REPRESENTAÇÕES EM OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS</b> .....	46
2.1 A personagem feminina e suas configurações na literatura brasileira.....	50
2.2. A mulher serejeana: As “Heroínas dos Ervais”.....	60

### **CAPÍTULO III**

<b>AS CONFIGURAÇÕES DA PERSONAGEM CAPITOA EM <i>QUATRO CONTOS</i> DE HÉLIO SEREJO</b> .....	67
3.1 Uma leitura do conto <i>Capittoa</i> .....	68
3.2 Capittoa: dicotomia personagem-pessoa.....	70
3.3 Capittoa: a anti-heroína de Hélio Serejo.....	74
3.4 A construção da identidade de Capittoa.....	76

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
-----------------------------------	----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
--------------------------	----

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem como premissa analisar a personagem feminina nos contos de Hélio Serejo. A figura principal do estudo é Capitoa, nome que Serejo utilizou também para intitular o conto, que junto a outros três, compõe a obra *Quatro Contos* (1939/2008).

A obra serejeana *Quatro Contos* (1939/2008), assim como as demais obras de Hélio Serejo, apresenta narrativas que se passam no final do século XIX e início do século XX, período de exploração da erva-mate pela Companhia Matte Larangeira. O conto *Capitoa* traz Maria Aparecida Belmonte como protagonista, que lutou ao lado do marido na Revolução Federalista, em 1883, no Rio Grande do Sul. Depara-se com a perda de seu companheiro, o que alavancou o desenvolvimento de sua personalidade, que se moldou com as experiências de sofrimento e morte, surgindo assim, uma mulher forte, independente, que virá a se tornar líder de bandos e estar à frente de conflitos futuros, caracterizando-se como homem – usando a farda e carregando a arma do falecido esposo - personalidade que muitas vezes contradiz o sentimento comum a uma mulher. A obra descreve a sua ida às terras mato-grossenses, onde passa a liderar um grupo de homens e sua peregrinação pelas cidades hoje pertencentes ao Mato Grosso do Sul.

O trabalho parte de uma análise biográfica de Serejo, discute a estética regionalista e caráter universal de sua obra até chegar às personagens femininas, momento em que traça um diálogo entre essas mulheres e as personagens femininas presentes na literatura brasileira ao longo dos séculos.

O autor em questão, Hélio Serejo (1912-2007), que escreveu mais de sessenta obras, nasceu em Nioaque/MS e cresceu em Ponta Porã/MS. Serejo define-se como “homem fronteiriço”, aquele que veio “dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios, dos caminhos perdidos” (SEREJO, 1973 apud CAMPESTRINI, 2008, p. 17). Suas obras fazem uma releitura das experiências vividas no período do Ciclo da erva-mate, momento histórico que ditou o futuro de Mato Grosso do Sul, sua identidade cultural, social e econômica. A grande influência econômica do cultivo dos ervais resultou em intensas transformações no âmbito social e político. O cunho regionalista faz com que cidades como Nioaque, Porto Murtinho, Camapuã, e Campo Grande tornem-se cenários do desenrolar de histórias de seus mais conhecidos títulos. Desse modo, o presente estudo buscou, através da análise do texto literário do autor em questão, compreender a construção da personagem feminina marcante na obra *Quatro Contos* (1939/2008), levando em consideração a sociedade da região fronteiriça

Brasil-Paraguai, no final do século XIX e início do século XX, além do conteúdo estético de Serejo.

É notória a relevância de Serejo, que faz despertar a atenção para a história do Mato Grosso do Sul, tratando de assuntos que envolvem o ciclo ervateiro e toda a contribuição desse período para o destino do estado. A leitura de suas obras é imprescindível para a inserção da literatura sul-mato-grossense no cenário nacional. Em diversas narrativas, o autor faz despertar a atenção para personagens femininas, muitas vítimas da violência de gênero presente na região, consequência do histórico de marginalização da mulher ao longo dos séculos. Além disso, traz os mais diversos aspectos de Capitoa, que convive em meio a culturas e costumes da região fronteiriça, e tornou-se o centro desta análise sobre vieses como a formação da personalidade e identidade cultural, considerando o momento social e o meio em que está inserida.

Capitoa, personagem destaque em *Quatro Contos* (1939/2008), difere-se do esperado para a figura da mulher da época. As características da protagonista não condizem com os moldes comuns, contrariamente, apresenta características masculinas e atitudes que diferem da ideia de moral estabelecida pela sociedade. Parte-se do princípio que a personagem adquiriu certas características devido ao meio em que esteve inserida. Desde o início da narrativa, observam-se as transformações da identidade de Capitoa, visto que certas situações exigiram determinadas ações.

A personagem feminina, em Hélio Serejo, é utilizada na pesquisa como meio de analisar o universal na obra do autor, em que a região da fronteira Brasil-Paraguai é vista como um espaço intersticial em que ocorrem os choques culturais, demonstrando o processo de formação cultural da região, além do sujeito inserido naquele meio, determinado pelo contexto e suas interações sociais.

Inúmeras figuras femininas foram apresentadas por Serejo ao longo do conjunto de sua obra, dentre elas aquelas que o conservadorismo do autor as colocou como resilientes e respeitáveis por suportarem casamentos infelizes, violências físicas e psicológicas; e aquelas que obedeciam aos moldes ideais para uma mulher, para serem moralmente respeitada pelos demais entes sociais.

Capitoa, figura caricata apresentada por Serejo, apoderou-se de um caráter dominador. Por várias vezes ridicularizada pelo narrador por sua personalidade diferenciada, teve sua identidade moldada, em meio à hostilidade do ambiente para onde migrou. Assumiu tamanho autoritarismo, que sua condição de influência em seu meio a fez capaz de obrigar um homem a relacionar-se com ela, demonstrando, assim, a não dependência econômica do

homem, ainda que sentimental; além de amar, animaisicamente, das mais diversas formas, fazendo com que seus desejos transpassem o modelo tradicional de relacionamento. Capitoa dominou os homens que achava por direito serem dela, mas em nenhum momento deixou transparecer a idealização romântica, como fez Alencar em situação semelhante.

Para organizar as ideias da pesquisa, o trabalho foi dividido em três capítulos, seguido das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta um estudo biográfico, a partir de autores que estudaram sobre sua trajetória, como Elpídio Reis (1980) e Hildebrando Campestrini (2008). Além disso, foi traçada uma apresentação da fortuna crítica do autor, em que são colocados autores, sobretudo, de pesquisas acadêmicas que envolvem análises literárias e históricas da obra de Serejo. Ainda no capítulo inicial, foi feita uma discussão sobre as questões referentes à dicotomia local e universal, enfatizando o entre-lugar na literatura regionalista, em que se discute a visualização do hibridismo cultural, processo que leva à noção de universalidade. Para tornar possível uma análise da questão regional-universal, foram utilizadas contribuições de autores como Lúcia Miguel-Pereira, Silviano Santiago (1982), Leoné Astride Barzotto (2010) e Ligia Chiappini (1995).

Nessa perspectiva, a pesquisa foi pautada no entendimento da literatura regionalista inserida em um processo de universalização, em que “a literatura fronteiriça, produzida por entre as brechas interculturais da zona de contato, promove a estabilização da comunidade cultural que representa, ou seja, reassume o valor do atributo cultural local e regional, registrando-o e, acima de tudo, propagando-o para além das fronteiras do local.” (BARZOTTO, 2010, p. 29). A obra de Serejo, nesse sentido, encaixa-se nesse processo, em que apresenta um regionalismo que vai além do espaço geográfico e leva-nos à reflexão acerca da formação cultural da região, trazendo os aspectos históricos, sociológicos, políticos e econômicos, em um misto de vieses que ultrapassa as fronteiras locais, chegando à percepção universal de sua obra. As contribuições de Georg Lukács embasaram uma discussão acerca do singular-universal-particular na obra serejeana, na perspectiva do materialismo-histórico, o que nos permitiu analisar o sujeito inserido no contexto hostil dos ervais mato-grossenses, além de sua relação com fatores inerentes à condição humana e como o sujeito reage diante das relações sociais naquele meio.

O capítulo primeiro também introduz o viés dos Estudos Culturais no trabalho, para que se estabeleça um raciocínio que leve à compreensão da construção da identidade cultural da personagem central da pesquisa: Capitoa.

Por conseguinte, o segundo capítulo traça a evolução da condição social da mulher brasileira, ao passo que são apresentadas personagens femininas presentes em obras da

literatura brasileira, de forma panorâmica. Essa apresentação faz uma interlocução com as mulheres serejeanas, fazendo com que enxerguemos as mesmas inquietações sociais provocadas pelo patriarcado e o histórico de inferiorização e marginalização da mulher.

A partir da visão panorâmica das personagens femininas presentes na literatura brasileira, e a apresentação de um diálogo entre elas e as personagens femininas encontradas nos contos e crônicas de Hélio Serejo, iniciamos a análise, conteúdo do terceiro capítulo, que se pauta na personagem Capitoa, protagonista do conto intitulado com o nome da personagem, presente na obra *Quatro Contos* (1939/2008) de Hélio Serejo. Traçou-se uma comparação, de um modo geral, entre as demais personagens femininas presentes na obra de Serejo, mencionadas no capítulo anterior, apresentando, inicialmente, o contraste do comportamento de Capitoa em relação à conduta comum das mulheres submissas e vítimas do patriarcalismo apresentadas pelo autor.

Para tanto, foi apresentado um estudo do enredo da obra, além de uma discussão baseada nas concepções de Antonio Candido (2011) e as explanações de Beth Brait (1985) sobre a dicotomia personagem-pessoa, a fim de visualizar Capitoa como personagem de ficção, e sua construção como resultado do fazer estético-literário de Hélio Serejo. Nesse sentido percebemos a protagonista como personagem caricata, visto que suas características são colocadas como exóticas e suas reações são satirizadas. Essa apresentação mostra uma distorção em função de uma sátira. O autor chama a atenção para a forma extravagante que a personagem se porta, e pela linguagem enfática utilizada pelo autor para caracterizá-la.

O estudo da personagem Capitoa relacionado à construção da identidade foi pautado em teóricos referentes aos Estudos Culturais. As contribuições de Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2006) e Zilá Bernd (2003) promoveram uma discussão acerca dos conceitos de identidade e sua constante construção e desconstrução, em processos de hibridação cultural.

Além disso, a análise partiu para a inserção da personagem Capitoa no processo proposto por George Lukács (1978), a tríade singular-universal-particular, na busca da compreensão da identidade cultural da personagem. Essa percepção buscou analisar a personagem Capitoa, sujeito individual ao mesmo tempo ente social. No espaço entre o sujeito singular e o universal, as interações sociais, o autor consegue atingir a particularidade, no espaço onde se encontra o indivíduo que simultaneamente é ente individual e social.

Os estudos tornaram possível analisar a personagem central dessa pesquisa, Capitoa, como uma mulher que difere do modelo feminino esperado, considerando se tratar do final do século XIX, em um ambiente hostil como os ervais mato-grossenses do período do

Ciclo da Erva-mate na região de fronteira Brasil-Paraguai. A pesquisa buscou a compreensão da formação da identidade da personagem central, correlacionando o comportamento de Capitoa ao comportamento identitário das mulheres submissas apresentadas por Hélio Serejo ao longo de sua obra. Os estudos buscaram a percepção da construção da identidade como resultado das relações sociais. Essa compreensão nos leva a visualizar traços de universalidade na obra de Hélio Serejo.

## CAPÍTULO 1

### HÉLIO SEREJO E AS FACES DO REGIONALISMO

O presente capítulo tem como premissa fomentar uma discussão acerca do regionalismo e posicionar suas diversas nuances na obra de Hélio Serejo. De acordo com estudos e pesquisas já publicadas sobre o autor, o conjunto da obra serejeana apresenta conteúdo memorialístico e volta-se para diversas questões relacionadas à paisagem fronteiriça, destacando-se nesse conjunto temático, os aspectos sociais ligados à inserção do sujeito no ambiente dos ervais do sul do antigo Mato Grosso.

Muitas vezes idealizada, a paisagem da fronteira Brasil-Paraguai, descrita por Serejo, ainda é composta por elementos vinculados ao regionalismo romântico, e nela, o pictórico se destaca como tentativa de supervalorização da região:

Difícil, muito difícil mesmo, a gente encontrar coisa mais bonita do que paisagem sertaneja, no amanhecer crioulo ou na hora do entardecer, quando os derradeiros raios solares adornam o mataréu e põem, nos campos, chispaços de fogo. (SEREJO, 2008, p. 213).

Além de dar toques bucólicos à paisagem, Serejo também se vale da descrição do ambiente para contextualizar o período correspondente ao Ciclo da Erva-mate no sul de Mato Grosso, no final do século XIX e início do século XX.

O regionalismo foi apresentado de diversas formas, ao longo dos séculos, nas obras literárias. O pitoresco presente nas obras românticas nos trouxeram a idealização da paisagem brasileira e o distanciamento das narrativas para com o leitor cidadão à representação da realidade ali exposta. Já o regionalismo realista perceptível na era modernista traz uma concepção mais abrangente, em que o personagem inserido naquele ambiente deixa de ser mera alegoria, ganha consciência. O leitor aproxima-se da narrativa ao perceber um regionalismo ligado a questões históricas, políticas e econômicas que impulsionaram a formação daquela região e que justificam os aspectos culturais e sociais presentes na sociedade inserida no espaço da narrativa. Percebemos um regionalismo não mais ligado unicamente à paisagem e à idealização do ambiente descrito, mas a um conjunto de elementos que explicam a configuração da identidade cultural das pessoas presentes naquele lugar.



É o que ocorre nas narrativas serejeanas. Não seria possível estudar a obra de Hélio Serejo sem considerar a heterogeneidade de elementos regionais presentes em suas narrativas, como a descrição da paisagem fronteiriça; aspectos políticos e econômicos que impulsionaram a exploração da erva-mate, componente da paisagem idealizada por Serejo; e a sua formação histórica, que demonstra o hibridismo cultural proveniente da migração de povos advindos principalmente do Paraguai e Rio Grande do Sul. O autor consegue abranger, em suas narrativas, todos esses aspectos, que se correlacionam e levam a um estudo além do espaço geográfico, destacando não só a localização física da fronteira, mas também a região cultural formada por esse conjunto de elementos. Portanto, é pertinente discutir os conceitos de regionalismo e seus desdobramentos. Para tanto, é relevante compreendermos a conceituação de regionalismo em várias perspectivas, para que consigamos identificar essas influências nas narrativas de Serejo.

Além disso, é imprescindível conhecer a trajetória biográfica de Hélio Serejo, que cresceu entre ranchadas ervateiras e cidades fronteiriças, o que possibilitou o convívio com a realidade presente na sociedade da fronteira Brasil-Paraguai, entre trabalhadores e fazendeiros, homens e mulheres, adentrando no universo ervateiro. Identificou, assim, os elementos da paisagem da região, assim como o histórico de formação da região sul do Mato Grosso e as influências políticas e econômicas que impulsionaram a migração de paraguaios e gaúchos para o local, levando à hibridação cultural presente na fronteira.

### **1.1. Hélio Serejo: Trajetória Biográfica**

Conhecer a biografia de Hélio Serejo é imprescindível para a compreensão da representação da realidade social existente em sua obra. Para tanto, serão apresentadas as informações do autor sul-mato-grossense, que, a partir dos seus registros, construiu narrativas que refletem as condições de trabalho e a formação da identidade cultural do povo fronteiriço, além da contribuição histórico-social do período do Ciclo da erva-mate.

Como fonte de informações para fomentar a análise da vida e obra de Hélio Serejo, foram utilizadas as obras *Os 13 pontos de Hélio Serejo*, de Elpídio Reis (1980) além de *O trilhador de todos os caminhos*, de Hildebrando Campestrini (2008), as quais, certamente, permearam a pesquisa e possibilitarão uma análise satisfatória da trajetória de Serejo.

Hélio Serejo nasceu em Nioaque, em 1º de julho de 1912. Foi escritor e jornalista, além de folclorista. Publicou 60 obras e, em 1973, passou a ocupar uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras. Enfermo não foi à cerimônia, mas deixou um discurso em que descreve a sua trajetória, vivência e faz-nos compreender a si mesmo e sua obra.

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos —barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da —jungle, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. Os ventos do destino – maus e bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos. Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como o fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento. (SEREJO, 1973 apud CAMPESTRINI, 2008, p. 17).

No discurso, Hélio Serejo nos deixa a par de sua trajetória e dos acontecimentos e vivências que justificam as temáticas utilizadas em sua obra. No fragmento é possível notar que a experiência do autor é representada em suas narrativas. Percebe-se o contato que o autor teve desde a infância com os ervais, a visualização das condições de trabalho e das pessoas que ali estavam, além das causas que as levaram àquela situação de trabalho, levando-nos à percepção de aspectos étnicos e culturais da região de fronteira.

Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, avô paterno de Hélio, serviu na Guerra do Paraguai. Após o término da guerra, mudou-se para Cuiabá, onde nasceu o pai de Hélio Serejo, Francisco Serejo, em 1878. Francisco tornou-se policial de fronteira aos 17 anos, auxiliando o pai. Então, aos 12 anos foi nomeado por Dr. Campos Sales, o então presidente da República, Tenente da Guarda Nacional, com exercício em Corumbá. Passa a servir em Ponta Porã em 1900. No ano seguinte, casa-se com Ernestina Batista e com ela teve 10 filhos, ente eles Hélio Serejo.

Por questões financeiras, Francisco Serejo deixa a Guarda Nacional, tornando-se fazendeiro. São João era o nome de sua primeira fazenda, em Nioaque e foi onde nasceu Hélio Serejo, em 1º de julho de 1912. Quando Hélio completou cinco anos, sua família

mudou-se para Ponta Porã. Desde a infância, ajudava o pai no trabalho. Iniciou a vida no trabalho na Torrefação Brasil, que fornecia café para o exército paraguaio. Posteriormente, Hélio tornou-se encarregado pela empresa. Trabalhou, também com o pai, aos 14 anos, na Ranchada do Porto Baunilha, propriedade de Chico Serejo, exercendo várias funções nas etapas da produção da erva-mate, aprendendo tudo sobre o trabalho nos ervais.

Ali ele cozinhava o locro (milho cozido com carne. Comida tipicamente paraguaia), comprava o costo (três para o sustento do trabalhador ervateiro), atendia a comissária (armazém de suprimento), ajudava na monteação (procura das árvores de mate). Foi ainda balanceador (pessoa encarregada de pesar o raído ou braçada de folhas que o mineiro<sup>1</sup> traz às costas). (REIS, 1980, p. 50).

Adorava estudar geografia humana, “daí se ter transformado em escritor regionalista, com especial pendor para o folclore” (REIS, 1980, p. 54), mas passou a ter o sonho de tornar-se engenheiro, por ver as dificuldades do transporte da erva-mate, queria poder projetar a construção de pontes para facilitar o acesso.

Com as vivências, registrava tudo o que via. Aos 14 anos, começou a publicar seus textos no *Jornal A Folha do Povo*, de Ponta Porã, onde, futuramente, se tornaria revisor oficial.

Curioso, autodidata, lia tudo que estava a seu alcance. E à medida que sua adolescência e mocidade caminhavam, Hélio se foi entregando a uma tarefa a que se obrigou de forma constante: passou a escrever em cadernos, onde registrava o que acontecia ou via no seu pequeno mundo. Esses escritos não tinham, porém, forma de diário. Chegou a encher sessenta e quatro cadernos [...] (CAMPESTRINI, 2008, P.19).

Serviu como voluntário no 3º Regimento de infantaria localizado no Rio de Janeiro. A partir de 1934, entrou para o Batalhão com o intuito de tornar-se engenheiro, já que não tinha condições financeiras para arcar com os estudos. No exército, passou por um grande entrave. Hélio resolveu dormir no quartel, visto que ministraria aulas sobre armamentos no dia seguinte. Lá estava preso o comunista Capitão Agildo Batista. No dia seguinte, dia 27 de novembro de 1935, a Intentona Comunista estoura. Muitos foram presos, inclusive Hélio Serejo. Foi expulso do exército. Por seis meses passou por julgamentos, e, por fim, foi anulada sua expulsão pelo Ministro de Guerra.

---

<sup>1</sup> Mineiro é o trabalhador que poda ou corta as folhas de erva-mate e depois transporta às costas caminhando pelo meio do mato, geralmente sem estrada, picada ou trilha. (REIS, 1980, p. 50)

Após os acontecimentos, sua saúde ficou debilitada, então, acabou voltando para a casa de sua família, em Campo Grande, desistindo de ser engenheiro, e decidindo seguir a carreira de escritor.

Em 1939, casou-se com Henriqueta Barbosa Martins, com quem teve duas filhas: Nahara Tatiana e Helita.

No funcionalismo público, trabalhou na Comissão de Limites Brasil-paraguai, foi escrivão no Cartório de Registro Civil de Rio Brillhante, além de ter exercido a função de fiscal de renda.

Desenvolveu uma doença na mão direita, a chamada “câimbra dos escrivães”, por conta da constante atividade escrita. Voltou para Campo Grande e passou a trabalhar no Jornal do Comércio, aprendendo a escrever com a mão esquerda.

Serejo elaborou e apresentou um Plano de Colonização para a região, então, em 1943, passou a trabalhar como Diretor da Repartição de Terras do Território de Ponta Porã, no governo Vargas, até sofrer uma doença nos olhos deixar o cargo. Realizou o tratamento em São Paulo e o candidato a prefeito de Presidente Venceslau – SP o convidou para ser redator do jornal da cidade, em favor de sua campanha. Serejo não podia mais escrever devido aos problemas de saúde, porém, com as condições oferecidas e o apoio de uma secretária, Hélio aceitou a proposta.

Ênio Pipino conseguiu se eleger a prefeito, sendo assim, Hélio permaneceu na cidade como redator principal. Trabalhou também para a Secretária de Agricultura de Mato Grosso, contribuindo em aproximadamente quatrocentos processos de reivindicações de terras no estado.

Serejo também teve ligação a projetos sociais. Trabalhou por nove anos como Diretor de Departamento de Assistência Social de Presidente Venceslau, além de prestar serviço a varias entidades filantrópicas. Auxiliou também na assistência médica aos moradores do Pontal do Paranapanema junto ao Departamento de Endemias Rurais do Ministério da Saúde.

Outra contribuição importante de Hélio Serejo foi a atuação na construção da ponte na divisa entre os estados de Mato Grosso e São Paulo, sobre o rio Paraná. Hélio foi o presidente da Comissão de Propaganda da Campanha Pró-Construção da ponte, em 1955. O trabalho teve a função de sensibilizar as autoridades acerca da importância da construção para a região, além de fiscalizar e gerenciar as reivindicações para o sucesso do empreendimento. A obra teve início durante o governo de Juscelino Kubitschek. Após cinco anos, a ponte foi inaugurada.

Mesmo residindo na cidade paulista, prestou serviços de peritagem, em processos de terras, ao governo de Mato Grosso, sempre escrevendo seus livros, esperando um dia publicá-los. E em Presidente Venceslau trabalhou muito, principalmente na assistência social e em campanhas, como a da construção da ponte sobre o rio Paraná, o que lhe valeu o apelido de Marechal da Ponte. (CAMPESTRINI, 2008, p. 22).

No dia 19 de outubro de 1973, tomou posse na Academia Mato-Grossense de Letras, antes disso, em 1972, tomou posse na Academia Piracicabana de Letras. Além disso, recebeu o título de Cidadão Ponta-Poranense, e foi premiado no concurso *Ciclo da Erva-mate em Mato Grosso do Sul*, por apresentar a melhor monografia – Carai.

Em 2005, já viúvo, volta à Campo Grande. Um dos maiores representantes da literatura sul-mato-grossense faleceu no dia 8 de outubro de 2007, aos 95 anos de idade. Foi sepultado no Parque das Primaveras, em Campo Grande. Deixou uma grande contribuição para a compreensão da história da fronteira Brasil-Paraguai, além do rico acervo artístico produzido ao longo de sua trajetória.

Observa-se que as origens de Serejo, em meio ao trabalho na propriedade de sua família e nas dependências da Companhia Matte Larangeira, constituíram em um extraordinário conhecimento fidedigno acerca dos mais minuciosos aspectos da vida nos ervais.

A partir do conhecimento empírico, foi possível enxergar a Matte Larangeira além do seu poderio político e econômico. Olhou os trabalhadores, quem eram, de onde vieram, e o que pensavam. Em suas narrativas analisou a miscigenação, as crenças, o falar, e o que levou a esse resultado social. A história da fronteira é contada através das ações dos personagens. A proximidade do autor com os trabalhadores dos ervais torna a obra verossímil.

Hélio Serejo viveu em um ambiente com características singulares, porém as demonstrou com caráter universal. Foi capaz de rememorar a sua vivência, produzindo uma obra documental, e, ao mesmo tempo, trazer uma reflexão profunda a respeito de muitos elementos e fatores da fronteira Brasil-Paraguai.

## **1.2. A Fortuna Crítica de Hélio Serejo**

A fortuna crítica de Hélio Serejo baseia-se basicamente em textos acadêmicos e obras apologéticas. Elpídio Reis (1980), com *Os 13 pontos de Hélio Serejo*; e Hildebrando

Campestrini, com *O trilhador de todos os caminhos* (2008), compõem a gama de obras biográficas de Serejo, em que amigos de trajetória esmiúçam os acontecimentos da vida do autor, suas origens, trabalho e vida pública, além da exaltação de sua obra e do autor como memorialista.

Os textos acadêmicos trazem análises dos variados aspectos da obra serejeana, pautadas em estudos das relações de trabalho na região de fronteira no período do Ciclo ervateiro; processos educacionais e aspectos culturais da região fronteiriça. Além de análises acerca da construção da memória do autor.

Dentre as dissertações que tratam de análises da obra serejeana encontramos *Retórica e argumentação: fundamentos para a análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo*, de Ivonete Stefanos (2006); *Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo*, de Neide Araújo Castilho Teno (2003) e a dissertação de Alice Felisberto da Silva, *Memória, educação e fronteira* (2010), que analisou o processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra memorialística de Hélio Serejo, pela perspectiva marxista, e trabalhou na mesma perspectiva de Carla Villamaina Centeno (2007), que será esmiuçada adiante, e, apesar de apresentar uma análise histórica dos temas trabalhados por Hélio Serejo, tem sua relevância para a crítica da obra de Serejo.

A tese de Centeno (2007) traz aspectos como o folclore, costumes, credices, além de uma forte abrangência teórica, a questão da exploração do trabalho do homem nos ervais mato-grossenses.

Opina acerca de sua preferência pelas crônicas “suas obras mais significativas são as crônicas, que envolvem lembranças do sertão e falam do trabalhador, do homem simples do campo, do povo sem instrução, das revoltas, da violência e, sobretudo, da produção da erva-mate.” (CENTENO, 2007, p.52). O gênero é escolhido para o estudo em sua tese *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)*. A autora também enfatiza que Serejo apresenta um pouco de tudo “poemas, glossários, apanhados sobre expressões regionais, folclore, credices, remédios caseiros, registros do cotidiano do trabalhador, fontes que podem ser utilizadas em estudos sobre a linguagem, costumes, medicina popular.” (CENTENO, 2007, p.52).

Sua tese destaca as muitas palavras em guarani e também a sensibilidade de Serejo ao descrever o trabalhador dos ervais, assim como reproduzir seu linguajar e as expressões culturais significativas naquele meio, observando o seu conteúdo memorialístico e a realização por meio da experiência empírica.

Para Centeno (2007), Serejo representa como ninguém a exploração do trabalho dos ervais, as condições subumanas a que aquelas pessoas eram submetidas, para suprir a ganância dos grandes ervateiros. Ao mesmo tempo, o autor considera que a prática da exploração é inerente ao próprio trabalho, com um discurso que leva ao entendimento de que se faz necessária para o desenvolvimento econômico do estado e do Brasil. Considera, ainda, que esse seja o motivo pelo qual ele é reconhecido pelas elites culturais. Contudo, Centeno percebe a contradição em sua obra e isso a interessou.

Destacou algo pertinente, a dedicatória presente na obra *Homens de Aço* (2008, vol. I, p. 225), em que Serejo a dedica a dois sócios da Matte Laranjeira, Heitor Mendes Gonçalves e Fernando Jorge Mendes Gonçalves. A obra apresenta, em meio aos textos, elogios à Companhia; a autora julga essa ambiguidade como “fruto de sua origem de classe, como pequeno proprietário dependente da Companhia Matte Laranjeira.” (CENTENO, 2007, p. 60).

Ressalta também que as críticas sociais, na obra de Serejo, tornaram-se mais contundentes em obras publicadas após o período de dominação da empresa, década de 1970. Em *Vida de Erval* (2008, vol. IV), *Sete contos e uma potoca* (2008, vol. IV) e *Pelas orilhas da fronteira* (2008, vol. V) “chega a citar o nome de várias pessoas envolvidas em crimes contra trabalhadores, e até mesmo a ligação dessa violência com a Companhia Matte Laranjeira.” (CENTENO, 2007, p. 60).

Apesar da ambiguidade, a autora reconhece que Serejo é autor de denúncias da exploração dos trabalhadores dos ervais e foi quem revelou, minuciosamente, as etapas e condições do trabalho “até mesmo os instrumentos de tortura e castigo como o Tronco, o Mboreri-pire ou Teyú-Rugway” (CENTENO, 2007, p. 62), além dos casos de assassinatos e violência contra a mulher e crianças no contexto ervateiro.

Por fim, considera Serejo como “contador do cotidiano dos trabalhadores fronteiriços” (CENTENO, 2007, p. 71), por ser relator e compartilhador da dor do trabalhador dos ervais.

Análises abrangentes como a de Carla Centeno são de suma importância para o estudo da obra serejeana, visto a amplitude de temáticas e aspectos existentes em seus textos. Essa percepção proporciona a reflexão acerca da relevância histórica e social do autor sul-mato-grossense, durante o fazer literário.

Destaca-se também a tese de Elismar Bertoluci de Araujo Anastácio (2014), intitulada *Hélio Serejo: Por uma literatura entre as orilhas da fronteira*, cujo estudo fomenta

a investigação acerca da fronteira e sua relação com os sujeitos, estabelecendo uma aproximação entre a literatura e a formação da identidade do fronteiriço.

Anastácio (2014), com uma tese voltada à análise literária, aponta um autor que, a partir das experiências vividas, unidas a fatos criados ao narrar, forma-se uma integração entre autor, narrador, personagem e sujeito histórico, em que “no entremeio de fatos vividos e recriados está o fazer literário de um sujeito aparentemente descompromissado com a denúncia, um narrador que se passa por um eterno apaixonado pela escrita e pela vida rústica de mata adentro.” (2014, p. 15). Defende a tese de que Serejo foge do pitoresco, vai além da geografia local, e insere-se “no mundo bruto da erva”. Em meio àquela paisagem, à realidade dos ervais, consta o sujeito ali inserido, “devido às circunstâncias sócio-históricas.” (2014, p. 16).

Vale citar também a contribuição de Serley dos Santos e Silva (2011), cuja obra *Hélio Serejo: as faces da memória no universo do poeta ervateiro*, adaptação de sua dissertação de mestrado, disserta sobre a construção da memória serejeana. Para a autora, Serejo representa em suas narrativas o aspecto memorialístico, considerando que demonstra os processos sociais, relações de trabalho e o ambiente ervateiro. Entretanto, traços da memória espectral surgem com o papel interpretativo para que a análise do acontecimento seja feita. Tal análise certamente é impulsionada pela memória antecipadora, que traz os aspectos subjetivos do autor, antes mesmo de as informações serem arquivadas na memória autoral. Sendo assim, o fato ouvido ou presenciado passa por uma série de filtros, incluindo a questão estética do fazer literário, fazendo com que a memória mimética evidencie-se na obra de Hélio Serejo.

### **1.3. O regionalismo multifacetado**

Ao referirmo-nos a uma obra regionalista, é comum remetermos à visão de que o regionalismo está presente em “qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais.” (PEREIRA, 1998, p. 179). Essa conceituação inicial dada por Lúcia Miguel-Pereira, na obra *História da literatura brasileira, prosa de ficção de 1870 a 1920* (1973) alude ao entendimento de que a descrição da paisagem, crenças, costumes, e cultura em geral, vinculados à determinada região específica, seja ela rural ou urbana, configuram o regionalismo na literatura. Além disso, a concepção de regionalismo que inicia a discussão de Miguel-Pereira delimita-se a apenas um cenário que tem o intuito de afirmação da cor local.



[...] só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. Assim entendido, no início do período aqui estudado, o regionalismo se limita e se vincula ao *ruralismo* e ao *provincialismo*, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de ‘cor local’. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 179).

O movimento regionalista, nesse sentido, faz com que a concentração de características típicas de determinada região leve ao pitoresco, contemplação de uma cena paisagística. O personagem, nesse segmento, torna-se equipolente ao meio a que pertence, assim, é desmembrado da humanidade. O texto literário, então, chega ao leitor com certo distanciamento, visto que o receptor pode estar inserido nas mais diversas realidades sociais, culturais ou regionais. O pitoresco, portanto, impede a universalização da leitura.

Tratando-se, porém, de expressão literária, portanto artística, é pela sua capacidade de, lidando com elementos locais, atingir o universal, que se mede o seu valor; o que importa não é que os nativos se reconheçam no retrato, mas que o retrato impressione aos que ignoram os modelos, faça-os penetrar num mundo novo. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 2015).

A discussão de Lúcia Miguel-Pereira leva à reflexão de que podemos considerar bastante amplo o conceito de regionalismo restrito à paisagem local, e compreender que o valor estético da obra regionalista é medido pela capacidade de relacionar-se a temas universais, o que ocorre na literatura, a partir do início do século XX, em que se leva em consideração a formação histórica de determinada região, assim como as consequências sociais provocadas por aspectos políticos e econômicos que levaram à sua formação. A obra literária que abrange tais elementos, que vão além da paisagem, do pitoresco, promove uma ligação não só com o público local, mas possibilita uma leitura que pode chegar a ser compreendida e reconhecida por outros grupos.

Outra análise pertinente para a discussão acerca do regionalismo literário refere-se ao que observa Afrânio Coutinho (1969), quando considera que “toda obra de arte é regional quando se tem um pano de fundo alguma região particular ou parece germinar desse fundo” (1969, p. 220), conceito que vai se desconstruindo ao longo do estudo sobre o regional na literatura. Coutinho prossegue seu raciocínio trazendo a ideia de que “uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região específica senão também deve retirar sua substância real desse local” (1969, p. 220), assim, além dos aspectos geográficos do local, as peculiaridades da sociedade que se estabeleceu naquela região é o que a diferenciou de outras,

passa a relevância dos elementos regionais à essência de determinado espaço, trazidos pelos aspectos humanos característicos do povo daquele lugar.

Os estudos acerca dos conceitos de regionalismo literário levam-nos à ideia de que o movimento vai além de uma mera citação ou inserção de personagens em determinado ambiente, e torna-se desafiador discutir o que vem a ser o regionalismo de forma mais abrangente.

A obra regionalista não está intrinsecamente relacionada ao espaço físico, mas sim à influência do meio no destino do personagem, além disso, enfatizam-se aspectos culturais, sendo prevaletentes sobre outros aspectos da narrativa. A variação da linguagem entra em destaque, assim como os costumes em geral, outrossim, um aspecto bastante enfatizado e de grande relevância para a obra regionalista é a visão histórica dos eventos ocorridos, o que permite problematizar as relações sociais e culturais em determinado tempo e espaço.

Portanto, o espaço geográfico torna-se mínimo em relação aos aspectos que caracterizam determinada região. Quando Coutinho traz o conceito de que “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional” (COUTINHO, 1969, p. 222), podemos considerar que se trata de um estudo não baseado nas divisões geográficas, mas sim nas regiões culturais cuja importância destacou-se para a produção literária como focos regionais, em que o histórico de formação das regiões particulares faz com que elas se integrem em uma unidade nacional.

Cabe considerar também as concepções de Stuart Hall (2006). O autor discute acerca da questão da identidade na pós-modernidade, e as relações de consumo globalizadas, que levam a uma unificação cultural, à homogeneidade, considera a ideia de que:

Há, juntamente com o impacto “global” um novo interesse pelo “local”. A globalização, na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de nichos de mercado, na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o global e o local. Na verdade, o contato cultural, faz atentar-se às diferenças, e esse paradoxo acaba por unir as regiões culturais, porém sem desconsiderar as especificidades regionais. (HALL, 2006, p. 77).

Nesse sentido, o foco está nas regiões culturais e não no espaço físico, tendo em vista que as especificidades serão observadas a partir das identidades culturais, assim, passa-se a considerar uma gama de aspectos desde a subjetividade do sujeito, como as relações sociais e os seus desdobramentos dentro de determinado ambiente geográfico.

Com base nas discussões acerca das concepções sobre o regionalismo e suas faces na literatura brasileira, e a consideração de elementos variados relacionados à determinada

região cultural, como os aspectos históricos, sociais, causalidades de reações humanas e a análise do homem inserido em determinado contexto geográfico, vemos que o regionalismo literário vai além de uma mera representação paisagística.

É relevante, então, considerar também a tese de Ligia Chiappini e sua contribuição para entender o regionalismo e sua relação com a universalidade. A autora enfatiza o “regionalismo como toda estética literária não é estático. Evolui. É histórico, enquanto atravessa é atravessado pela história.” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Destaca o regionalismo como um movimento ao mesmo tempo político, cultural e literário, fazendo com que a obra literária funda-se à realidade social. O regionalismo não passaria de mais um dos *ismos* da literatura se fechamos o movimento em um dado espaço geográfico em um dado momento histórico; segundo Chiappini (1995), isso seria empobrecedor, ou seja,

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público cidadão e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo comum mesmo: homem humano. (CHIAPPINI, 1995, p.157).

Com base nas ideias de Antonio Candido (1972), Chiappini traz como ideal do regionalismo “criar uma linguagem que suprisse com verossimilhança assimetria radical entre o escritor e o leitor cidadão em relação ao personagem e o tema rural e regional, humanizando o leitor em vez de aliená-lo em relação ao homem rural representado”. Assim, não mais o personagem estabelece relação de igualdade com árvores e cavalos, mas “estabelece pela arte uma ponte amorosa que lhe permita sair dos seus guetos cidadãos, comunicando-se com e aprendendo sobre tantos becos deste mundo”. (CHIAPPINI, 1995, p. 154-155).

A autora nos traz uma análise da humanização da narrativa, o que nos leva para além do espaço geográfico, trazendo à tona muitos outros aspectos que vêm surgindo conforme a análise estética e ideológica do conteúdo da obra literária em questão. Tal discussão leva-nos à perspectiva universal. O leitor passa a analisar a região através do efeito social que ela causa e o foco passa a ser na análise interior, da consciência do personagem, observando que “é o espaço histórico-geográfico entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Daí o conceito de regionalidade. Desvencilha-se o tratamento da obra como uma mera fotografia da região. O espaço subjetivo toma forma, e ainda que ficcional, aponta para

aspectos regionais humanizados, destacando um mundo histórico, político, econômico, social, cultural e artístico.

A literatura, nesse sentido, apresenta seu papel de problematizar as consequências históricas, através de análises de formações de identidades culturais, relações sociais e de trabalho, o que configura um caráter universal, pela abordagem de temas com diversos vieses, como análise do ambiente atrelado ao sujeito subjetivo inserido naquele contexto; questões humanas e temáticas sociais. O ambiente torna-se uma metáfora para o mundo, e a obra literária ultrapassa o pitoresco, dessa forma, a universalidade se faz presente.

Na busca de encontrar o viés universal na obra de Hélio Serejo, é pertinente também fazer uma análise literária promovendo uma discussão acerca do “entre-lugar” na literatura regionalista. Para isso, as contribuições de Homi Bhabha (1998) são de suma importância para tal abordagem, nos estudos culturais pós-coloniais, além da consideração das concepções de Silviano Santiago (1982).

Notamos, no estudo da obra serejeana, uma literatura que não se limita ao espaço geográfico. A fronteira presente em seus textos vai além de um espaço da narrativa, mas o espaço deslizando, intersticial, onde há o encontro de culturas, em que o sujeito se situa em um choque de universos diversos, em um processo de formação identitária da região em questão.

A fronteira, então, nesse sentido, não mais é vista como fronteira geográfica, mas fronteira cultural, como expõe Bhabha (1998):

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o novo que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado reconfigurando-o como um entre-lugar contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27).

Nessa percepção, não é a geopolítica que é considerada, mas a região sociocultural. Para um estudo nesse sentido, trazemos a literatura de Hélio Serejo, cujas personagens estão inseridos em suas narrativas, no ambiente fronteiriço Brasil-Paraguai, no período correspondente ao Ciclo da Erva-mate no antigo Mato Grosso. Temos, portanto, textos marcados pela formação cultural da região de fronteira, sendo mostrado, em seu conteúdo, o hibridismo cultural presente na fronteira, resultante do processo de formação cultural da região correspondente ao espaço das narrativas serejeanas.

Consideramos, então, a região de fronteira como o “entre-lugar” na literatura de Serejo. O termo é definido por Homi Bhabha (1998) como espaço intersticial, onde há a fusão de duas ou mais culturas. Esse espaço deslizante é representado em obras literárias. Consideramos, então

[...] a relevância de conscientização acerca da produção literária, da crítica e da teoria como soluções para emancipação e independência cultural destes espaços marginalizados pela ordem intelectual eurocêntrica, pois é preciso ultrapassar o estágio da influência e, literalmente, produzir mais e mais com vistas à edição e à propagação de tais textos. A ação de reinterpretação crítica das culturas pelo escritor/personagem/leitor migratório evidencia o sujeito trazido após a independência, buscando um diálogo franco entre as diferenças. Portanto a descolonização pode ser alcançada e, com ela, a descolonização da mente. (BARZOTTO, 2010, p. 31).

Portanto, o processo de formação cultural leva-nos à discussão de que uma cultura é trazida pelo conquistador/dominador e colocada como superior à já existente no local, a cultura do dominado. Porém, a fusão entre tais culturas, representadas na literatura, acaba sendo representada como processo de hibridação em um processo de “dominação, resistência e libertação” (BARZOTTO, 2010, p. 30).

A fronteira Brasil-Paraguai é o local onde esse processo de hibridação ocorre na obra de Hélio Serejo. É o terceiro espaço, aquele que pertence a ambos os espaços anteriores,

[...] é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o entre-lugar – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. (BHABHA, 1998, p.69).

Podemos aferir, assim, que o processo de hibridação cultural dá-se pela transculturação, em que, ainda que restem aspectos da cultura original, não é mais a original, mas aquela formada por um contínuo processo de misturas, em uma progressiva transformação identitária. Nesse sentido, consideramos as concepções de Canclini (2000), que destaca na obra *Culturas Híbridas* a “heterogeneidade multitemporal” da cultura moderna como “consequência de uma história na qual a modernização operou poucas vezes mediante a substituição do tradicional e do antigo.” (CANCLINI, 2000, p.74)

Quando Canclini (2000) faz relação ao resultado da “sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas, do hispânico colonial católicos das ações políticas educativas comunicacionistas modernas” (CANCLINI, 2000, p. 73), leva-nos a refletir sobre a colonização, ou seja, seus resultados.

Trata-se, então, do início do processo de hibridação cultural ocorrido nesse período. A formação cultural brasileira deu-se a partir das concepções políticas, econômicas e culturais da classe dominante. A visão eurocêntrica era a cultura oficial, aquela que detinha poder hierárquico sobre aquilo já existente no Novo Mundo “instituinto a classe dominante como detentora do discurso cultural.” (SANTIAGO, 1982, p. 17).

Inicialmente, a cultura dominada é tida como retardatária, visto que está ligada ao nativo em uma relação de poder, em que o produto cultural foi inserido na nova terra de forma que o nativo apoderou-se daquela cultura dominante por meio da memorização.

No entanto, à medida que se considera a dependência existente entre tais culturas e o modo imposto a que determinada cultura foi inserida na terra conquistada, “não se deixa perder no limbo das elucubrações etnocêntricas a possível originalidade do produto criado.” (SANTIAGO, 1982, p. 22).

A universalidade mora no processo de formação cultural, em que aspectos diversificados como história, economia, política, ideologia, influenciam para tal formação cultural.

A universalidade ou bem é um jogo colonizador em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização, através da imposição da história europeia como História universal, ou bem é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques das ações de dominação e das reações dos dominados. (SANTIAGO, 1982, p. 23).

Diante disso, novas identidades se constroem em uma relação processual de hibridação que está em constante transformação.

Nessa concepção, parte-se para a literatura de fronteira, que é o ponto que nos interessa nesta pesquisa. Portanto, para compreendermos como a formação cultural da região de fronteira Brasil-Paraguai se deu, consideramos a hibridação de culturas impulsionadas por fatores políticos e econômicos, ocorridos no período do Ciclo da Erva-mate, em que pessoas advindas de diversos contextos foram unidas pela exploração da erva-mate no sul do antigo Mato Grosso. Esse processo de formação cultural foi representado na obra de Hélio Serejo. “A literatura de fronteira/regional revela este paradigma cultural, pois expõe a potencialidade de criação deste terceiro espaço em que vozes, crenças, saberes e vontades se aproximam, misturando-se num processo inevitável de transformação e inovação.” (BARZOTTO, 2010, p. 35).

A fronteira Brasil-Paraguai, nesse contexto, é o entre-lugar, o espaço de fusão cultural, e tal fenômeno representado nas narrativas serejeanas, demonstrando a cultura híbrida da região e as novas identidades que se constroem naquele meio. Prosseguiremos, então, com a busca do caráter universal na obra de Hélio Serejo.

#### **1.4. Hélio Serejo: do regional ao universal**

Hélio Serejo aborda assuntos que envolvem o ciclo ervateiro e toda a contribuição desse período para o destino do estado, como a contextualização histórica do final do século XIX e início do século XX, na fronteira Brasil-Paraguai; a ênfase no ambiente e a contribuição dele para a configuração da identidade cultural; a realidade das relações de trabalho que demonstram o sistema econômico predominante naquele meio; e as consequências dos aspectos mencionados para a configuração da identidade individual dos personagens serejeanos. Portanto, questões humanas vivenciadas pelo homem fronteiriço são demonstradas por Serejo ao tratar de temas regionais, o que nos faz perceber a perspectiva universal presente em sua obra, o que leva a associarmos o conteúdo de Hélio Serejo às discussões do papel do regionalismo para a literatura brasileira.

O período histórico do Ciclo do Erval foi representado através das experiências de Hélio Serejo, que nasceu na fazenda São João, localizada em Nioaque, onde seu pai era proprietário de um erval. Serejo, portanto, vivenciou a realidade daquele povo e daquela região. A construção das narrativas, temas e personagens faz com que nos encontremos na luta do homem com a terra.

Serejo afirma ser fronteiriço. Nascido em Nioaque, passou a infância entre a Ranchada, propriedade rural de seu pai, e a cidade de Ponta Porã, e desde muito jovem aprendeu e realizou as mais diversas atividades referentes ao trabalho nos ervais, auxiliando nas fazendas que o pai administrava. Descreve, portanto, as especificidades das paisagens da região de fronteira com a propriedade de quem faz parte daquele ambiente. “Eu sou produto dessa paisagem porque, com ela, convivi, demoradamente, orgulhoso da vivência e sempre agradecido pela graça que me veio do Alto.” (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 214).

Serejo coloca-se inúmeras vezes como admirador daquele ambiente visual, “tendo como irmã a paisagem sertaneja, orgulhoso de suas variadas formas”, onde deseja morrer “com os olhos embaciados, voltados para essa paisagem.” (2008, vol. VI, p.214).

Todavia, o espaço revela os elementos da natureza, como também o que ela provoca no sujeito nela inserido. Esse aspecto pode ser observado na obra *Vida de Erval* (2008, vol. IV), onde Hélio Serejo descreve “exuberância desse vegetal selvagem”, e em tom de idealização, conta que “olhada do alto, do cômodo, ao entardecer, quando miríades de pindós se sobressaem no grande compacto escuro, essa paisagem, intensamente clorificada, deixa o cristão absorto e maravilhado”. A mesma paisagem transmuda-se para um ambiente “agreste e rude”, quando se trata da realidade dos trabalhadores dos ervais, que, em meio à exploração e à condição de dominado economicamente, vê-se “no mais recôndito da mata bruta [...] um escravo indefeso do meio ambiente, uma parasita dos ervais, ou melhor, um marcado do destino, um tiranizado, ou melhor, um vergastado pelo furacão inexorável.” (2008, vol. IV, p. 71-72).

O Ciclo da Erva-mate inaugurou o empreendedorismo no então estado de Mato Grosso, tendo início em 1882, destacando a figura de Thomaz Larangeira, que teve a permissão para a exploração nos ervais da região. O empreendimento atraiu imigrantes de estados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e, o fato agregado à utilização de mão de obra paraguaia barata, no pós-guerra da Tríplice Aliança; e indígena, com terras desapropriadas para a exploração da erva-mate, propiciou uma região formada de múltiplas identidades, por conta das imigrações entre as fronteiras regionais, linguísticas, geográficas, étnicas, econômicas e culturais.

Portanto, podemos compreender que Hélio Serejo não pauta sua obra apenas no ambiente ervateiro. O conjunto de sua obra mostra o processo de formação cultural, a partir do cruzamento de culturas impulsionado pelo empreendimento econômico que atraiu imigrantes e a exploração do trabalho de povos então marginalizados.

Nesse sentido, cabe iniciar uma discussão acerca do processo de formação cultural da região, que como percebemos, o encontro de culturas foi impulsionada pelo empreendimento Matte Larangeira, que uniu povos, exploradores e explorados, fazendo com que a fronteira geográfica fosse substituída pela fronteira cultural.

Serejo nos leva, com a leitura de suas narrativas, a uma análise histórico-social do período marcado pela exploração da erva-mate pela Companhia Matte Larangeira, o que leva a representação da formação cultural da região fronteira.

Nesse sentido, cabe a análise dos aspectos econômicos da região, fazendo uma leitura do cenário político, no período em questão: o Ciclo ervateiro no sul do Mato Grosso.

A Companhia Matte Larangeira contribuiu para a construção da memória sul-mato-grossense, memória relativa à história dos trabalhadores que dedicaram suas vidas em



meio ao trabalho em condições subumanas. Nesse ambiente explorador, configurou-se a identidade do povo fronteiriço.

O poderio econômico da Companhia Matte Larangeira trouxe transformações sociais, políticas, econômicas e culturais para a região da fronteira Brasil-Paraguai, no final do século XIX e início do século XX.

Criada após a Guerra do Paraguai, Thomaz Larangeira esteve à frente do empreendimento em um trabalho de demarcação pós-guerra. Larangeira percebeu a rica quantidade de erva-mate na região sul do Mato Grosso. Após a demarcação, Thomaz começa a explorar, extrair e industrializar a erva, iniciando os trabalhos em 1877, ainda sem contrato de arrendamento com o governo. Com influência política, conseguiu o contrato oficial, concedido pelo governo de 1882, ainda no período Brasil Império, abrindo caminho para o funcionamento da Companhia Matte Larangeira.

Tomas laranjeira, em 24 de dezembro de 1879, enviou uma carta ao governo de Cuiabá, um documento histórico, que pertence ao arquivo do Estado de mato Grosso. Queria arrendar terras de ervais, dando os limites que ele conhecia muito bem e obter, ainda, pequenas concessões, a fim de facilitar o seu trabalho de marcantes dificuldades em sua fase inicial. (SEREJO, 2008, vol. VI, p.17).

A Argentina era o principal importador. O país recebia o produto através do Porto Murtinho, criado por Larangeira e os sócios da família Murtinho, sociedade que fez a empresa expandir absurdamente. A empresa chegou a ter cinco milhões de hectares em terras arrendadas, uma das maiores do Brasil.

Não durou muito tempo e a erva daqueles ricos ervais nativos já se encontrava em condições de seguir rumo ao mercado consumidor: Buenos Aires. Era o início de uma batalha que seria travada com a erva missioneira. Em Missões, o plantio aumentava consideravelmente, pois foi descoberto um processo especial que facilitava a germinação das sementes muito antes do tempo. Entretanto, aos poucos, foram dando preferência as ervas oriundas do sum do Mato Grosso e República do Paraguai. (SEREJO, 2008, vol. VI, p.15).

A Companhia trouxe um desenvolvimento exorbitante, chegando a ter dois centros urbanos, Campanário do Sul e Guáira, onde a infraestrutura apresentava escolas, hospitais, farmácias, além de luz elétrica e ferrovias.

A erva mudou os rumos da economia da região, uma vez que os lucros da exportação eram também revertidos para os cofres do Estado. O poder econômico acarretava em poder político. Os lucros exorbitantes os faziam obter acordos políticos para a continuação das concessões.

A empresa Mate tinha, nesse campo, uma máquina bem montada e como comerciava, desta ou daquela forma, com uma legião imensa de sulinos, fazendeiros, comerciantes, ervateiros proprietário de ervais, vendedores de custo, pequenos industriais e agricultores, não lhe foi difícil formar um eleitorado obediente e disciplinado. Um eleitorado da mais alta valia, que cumpria cegamente as ordens, não traindo nunca. (SEREJO, 2008, vol. VI p. 18).

O poderio econômico possibilitou a empresa apoiar candidatos de todos os níveis. A influência política determinava as concessões e o império se firmava em meio à tamanha influência. “Mandava, e não pedia, como se dizia em qualquer roda” (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 18).

A Matte Larangeira sempre esteve em vantagem, pois tinha o apoio do governo, além dos bandos armados da região, porém em confrontos perderam espaço para pequenos produtores de erva-mate, que lutaram e conquistaram junto ao governo Vargas, a regularização das posses. Mas o maior motivo da decadência foi a redução do maior importador, a Argentina, que passou a cultivar sua própria erva-mate.

A marcha para o Oeste, programa de colonização de Getúlio Vargas, fragmentou o latifúndio. Em 1941, o governo negou a renovação de concessão de terras para Matte Larangeira, que passa a perder influência política, e, conseqüentemente, econômica.

Hélio Serejo utiliza o contexto do Ciclo da Erva Mate para delinear a perspectiva econômica e política da região. O desenvolvimento das narrativas, a construção dos personagens, e a análise dos acontecimentos e comportamentos naquela região tem relação com tais aspectos. A compreensão dos acontecimentos ligados à economia da região e os jogos de poder que determinavam quem dominava as terras foram preponderantes para a caracterização do ambiente. A consideração do contexto foi determinante para analisar esse viés da expressão regionalista de Serejo.

Além dos elementos histórico-geográficos, adstritos aos aspectos políticos e econômicos, outros aspectos são perceptíveis na obra serejeana, visto que representa a realidade local utilizando a literatura como ponte para tal feito, pois revela uma análise das relações culturais, uma vez que apenas a análise geográfica não define o regionalismo em uma obra literária, ainda que esteja coadunado a ela.

As historicidades manifestadas por esta língua continuam sendo as mesmas de antes. As descrições tecidas pelas suas construções idiomáticas continuam sendo as mais encantadoras narrações. Nesta língua encontramos ideias onomatopaicas, acentos melódicos dos pássaros, das árvores, dos animais silvestres, das cascatas, dos mansos córregos, dos majestosos rios, dos campos floridos, o sibilar dos ventos, o

barulho ensurdecedor das tormentas, a magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza. (SEREJO, 2008, vol. IX, p.178).

Nessa perspectiva, notamos a inegável presença do crioulisto em terras fronteiriças Brasil-Paraguai. O contexto de transculturação nascida através da união de imigrantes nos campos dos ervais traz à tona a análise do crioulisto como aspecto regional, que Serejo acentuadamente representa em sua obra. Não há mais fronteiras, à vista disso, as condições culturais chocam-se em meio aos ervais implicando a hibridação, “termo definido como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos, e práticas.” (CANCLINI, 2000, p.19).

Português, espanhol e guarani encontram-se no espaço fronteiriço. O ciclo ervateiro proporciona tal acontecimento. Parte-se do pressuposto que tal hibridismo formou uma linguagem própria da região. Considerando essa perspectiva, o crioulisto circula livremente entre os ervais. Nota-se que há um apeço, por parte das pessoas inseridas nesse contexto, a suas origens, um apeço que transcende o espaço geográfico. Cargas culturais chegam ao Mato Grosso junto aos trabalhadores, nega-se a linguagem do colonizador. Tal negação impediu que se principiasse um processo de dominação total de suas culturas, contrapondo-se, então, aos seus dominadores e ao sistema econômico vigente no período.

Ao representar a oralidade a partir da fala dos ervateiros, o autor Hélio Serejo representa a singularidade daquele povo, e, através da narrativa, expõe-nos a cultura do homem do erval, as peculiaridades advindas da miscigenação cultural.

A fronteira é rompida pelo discurso presente nos ervais, que traz a essência crioula, discursos que expressam os costumes, os hábitos, as particularidades, reproduzindo a própria cultura do homem do erval.

No mundo bruto da erva-mate, o crioulisto impera, não só na vivência diuturna, mas também no falar, nas brejeiradas, nas manifestações de alegria, nas festas e nas caminhadas exploradas. Muito – muito mesmo – de crioulisto. No labutar ervateiro. Talvez seja o mais autêntico de todos, por ser mescla de xucristo, castelhano, guarani, modismo e expressões fronteiriças. (SEREJO, 1998, p. 145-146).

O território geográfico, deixa de ser ponto crucial e a ideia de regional passa a transcender o espaço físico, levando-nos a uma análise da situação cultural, no caso, expressada através da realidade linguística. Assim, o lugar passa a ser apenas um aspecto. O que definirá aquela região são as identidades geradas a partir da miscigenação proveniente de

um processo histórico propiciado por questões econômicas e políticas. A realidade de exploração do trabalho formou um povo resistente a deixar sua bagagem cultural, para que pelo menos esse enfoque seja preservado em meio a realidade dominadora.

Com isso, percebemos que é no território geográfico que acontece o encontro das diferenças propiciando que elas se afinem e se ajustem, gerando uma situação cultural e linguística nova. A medida que a crioulização se constitui, o território já é transcendido pelo *lugar*, o lugar já não é palpável, sendo real no imaginário dos sujeitos e da sociedade gerada num determinado território concreto. No sistema colonial, o lugar está sob influência do sistema colonial da mesma maneira que o território. Assim, o espaço de aproximação, ou contato, é também de conflitos por conta das relações de poder. Isso significa que na colônia, enquanto espaço ao mesmo tempo do colonizador e do colonizado, o colonizado criou e manteve seu dialeto próprio, adaptado ao *lugar* de sua vivência, não sucumbindo por completo ante a dominação colonial. (VIANNA, 2005. p. 114-115).

Serejo evidencia personagens que viveram, assim como ele, em meio aos ervais. Ali pode ter a percepção da consequência histórica para a formação da identidade cultural. Destaca-se, portanto a mistura de linguajares que se mesclam ao português colonial. O autor representa o povo ervateiro através do discurso oral utilizado por eles, o que possibilitou a formação de uma identidade particular, que caracteriza a região fronteira.

Os traços de guarani, espanhol, linguajar gaúcho e paraguaio mesclados poeticamente ao português forjaram a língua fronteira do autor sul-mato-grossense. Porém, há uma mistura de outros aspectos da cultura que são, por conseguinte, constituintes da identidade na fronteira, sua realidade específica. São aspectos paisagísticos e culturais, marcados a todo tempo pelo uso de uma língua híbrida, própria do autor. (BRAUCKS e BARZOTTO, 2011, p. 117-118).

A expressão literária regionalista valoriza as especificidades locais, tanto na exploração do espaço físico, quanto da linguagem, portanto, os dialetos constituídos através da mistura de povos, impulsionados por fatores históricos e econômicos, revela visão de Hélio Serejo acerca do regional. A sua estrutura memorialista, faz com que o empirismo nos leve àquela realidade, bem como possibilita identificar a formação cultural daquela região.

Sorví, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômoros, os brejais infundáveis, as croas, o vargado de moitas clorofiladas, os para-tudos chamados de raios, a solitária lagoa de água azulada, os trincheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos aladadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desganhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarada, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Viví, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulismo embriagador. (SEREJO, 1998, p. 35).

O crioulisto é destacado por Hélio Serejo como embriagador. Ele se encheu daqueles dizeres, ouviu incansavelmente e fez com que a identidade cultural da fronteira se tornasse ponto crucial em sua obra.

A questão linguística presente na obra de Serejo leva-nos à percepção da formação étnica da fronteira Brasil-Paraguai, portanto, consideramos relevante explorar a formação miscigenada da região de fronteira, que foi impulsionada pelos aspectos anteriormente citados, principalmente o econômico.

Em vista de tanto desenvolvimento, há de se destacar o caráter explorador para tais feitos. A construção do império Matte Larangeira foi constituída através da exploração da mão de obra barata paraguaia, que atravessaram a fronteira deixando a devastação econômica de seu país, ocasionada pela Guerra do Paraguai. Os paraguaios sabiam todas as etapas do trabalho dos ervais. “Vieram quase todos da República do Paraguai, em dezenas de levadas, porque não estava compensando o pagamento na zona ervateira guarani.” (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 19). Há relatos, ao longo da obra de Serejo, de condições subumanas, onde homens eram vigiados e tratados com violência. Além disso, a mão de obra indígena era utilizada, inclusive a infantil. Os índios guarani já utilizavam a caá, muito antes de ser explorada pela Matte Larangeira, desde o período colonial, em que a chegada de conquistadores luso-espanhóis deu início à exploração indígena.

Os conquistadores luso-espanhóis bem como os infatigáveis jesuítas tomaram ciência dessa planta nativa, cujas folhas eram mascadas pelos silvícolas, e passaram a estudá-la com o máximo de carinho, contando a eficiente colaboração de índios dóceis, que procuravam entender a fala mimical dos colonizadores e catequizadores, que tinham por missão principal o descobrimento de tudo o que existia nos países da bacia da Prata.” (SEREJO, 2008, vol.VI, p. 11).

Paraguaios que falavam guarani eram usados para aliciar indígenas para o trabalho nos ervais, causando impacto nas relações de trabalho nas tribos Guarani-Kaiowá, pois tinham que conciliar o trabalho das tribos como dos ervais. “A industrialização da ervamate mais se incorpora de ano para ano, como aumento considerável de peões paraguaios e correntinos, bem como índios das tribos *teís* e *caiuás*.” (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 17)

No início da década de 1940, o governo Getúlio Vargas abre a Instituição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) que proporcionou crescimento de pequenos produtores ervateiros e criação de cooperativas. A fragmentação dos latifúndios, graças à marcha para o Oeste, programa de colonização de Getúlio Vargas, fez desenvolver as

fazendas de criação de gado, trazendo imigrantes gaúchos, que lutaram com índios e com a Matte Larangeira para a posse de terras, e proporcionou a criação de cooperativas.

[...] dirigiram-se, após atravessar o rio Amambaí, para as campinas de Ponta Porã. Muitos ficaram nos campos de Amambaí; outros, impedidos pela Companhia Matte Larangeira, que arrendava aquelas terras, se fixaram em outros campos. Muitos foram os grupos de gaúchos que vieram para as atuais terras sul-mato-grossenses, trazendo seus costumes e seu honrado trabalho para o término da reconstrução após a guerra. (CAMPESTRINI, 1991, p. 106).

O contexto histórico, e todo o fator econômico, movido conforme as decisões políticas, leva-nos a uma compreensão mais clara da formação étnica da região de fronteira Brasil-Paraguai. Hélio Serejo representa, em sua obra, vários aspectos da região em destaque, dados em decorrência da junção dos povos, configurou-se a identidade cultural da fronteira.

As narrativas representam, através dos personagens, a vivência no Ciclo dos Ervais.

Capitoa recorda-se do companheiro, Volta pressurosa. Reza ante o corpo já em decomposição. Escolhe um lugar. Não podia conduzi-lo. Muitos eram os cadáveres estendidos pelo chão. Sepulta-o, então, num cômodo da coxilha ensanguentada. Semana após, com mais alguns irmãos de luta, envereda-se rumo ao Mato Grosso. Ao aparecer na zona de Nioaque, já envergava a farda do falecido: bombacha grande, túnica de soldado, espada, revólver, etc. Com o tempo substituiu a túnica (talvez por comodismo) por um paletó confeccionado à sua moda. (SEREJO, 2008, vol.1, p. 81).

No fragmento do conto *Capitoa*, Serejo coloca em evidência, nos primeiros parágrafos, a vinda de um grupo de gaúchos, entre eles, Capitoa, que após o falecimento do marido na Revolução Federalista, em 1883, no Rio Grande do Sul, migra para o Mato Grosso, levando à nova terra, primeiramente as vestimentas gaúchas. Contudo, percebemos que os gaúchos levaram ao Mato Grosso também outros elementos da bagagem cultural de sua região, bem como outros povos assim fizeram.

Tendo como matéria-prima inicial uma região de diferentes etnias, modismos, crendices e expressões típicas da fronteira, a obra de Serejo destaca também um fabuloso registro folclórico, onde o ambiente é cenário para lendas.

Sentimos folclore vibrante nas rodas de tereré, onde a conversação surge sempre diferente, entremeada de chistes invariavelmente pornográficos, e ditos nascidos no mundo brutalizado dos ervais. Num mundo em que a própria natureza bravia ajudou a criar o brutal, o hilariante, o extravagante, o inimaginável, o confuso e até mesmo o ridículo. (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 23).

As crendices do meio ervateiro apresentam-se como uma marca da região de fronteira, que se destaca em meio aos moradores e trabalhadores. Notamos que elementos folclóricos provêm das características regionais tanto físicas, geográficas, como culturais, devido ao encontro de povos. O regional faz-se presente em tal aspecto, de forma incomum, única, demonstrando a influência de aspectos do ambiente nas crenças e, o mais marcante, em como o personagem vai utilizar tal elemento cultural para exilar-se da realidade do ambiente em que está em contato.

O folclore presente na região é destacado com ímpeto na obra de Hélio Serejo. Nota-se um apreço a esse aspecto, visto que as crendices representam de forma explícita a região de fronteira. Aproveitou a condição formadora da sociedade fronteiriça e mostrou como as lendas se construíram e evoluíram, à medida que os povos chegavam e se uniam. O que nos chama a atenção é o fato de uma simples lenda ir além da demonstração cultural da região. Além no sentido psicológico. Traz a lenda como cultura, outrora como fuga, outrora como representação do homem em meio as suas mazelas, como fonte de imaginação do homem dos ervais.

A fronteira Brasil-Paraguai foi explorada desde o período Brasil-colônia. Portanto, as lendas, consideradas elementos culturais da região de fronteira, sofreram mudanças conforme os movimentos migratórios e os resultados das miscigenações. Povos chegavam e modificavam a crendice ao longo do tempo, conforme eram contadas nas rodas de tereré. Exemplifica-se a questão, o conto Lobisomem, em *Quatro Contos* (2008, vol.1) de Serejo, em que a região colonizada por europeus conhecia como vilão, na lenda do lobisomem, o sétimo filho, este não batizado, que às sextas-feiras amedrontava os ranchos com sua forma horrorosa e peluda. Na região fronteiriça do país, o lobisomem era todo homem “com vida efêmera, como vindo de um negro, baixote, dentuço e cambaio” (SEREJO, 2008, vol.1, p.130).

Nessa perspectiva, concluímos a visão do povo fronteiriço acerca de si mesmo. A lenda adaptou-se para a realidade da região, ao que a natureza reservava a eles todos os dias em meio aos ervais.

Morreu, assim, a crença absurda, sem apoio no mito popular e na tradição. Ficou, como deveria acontecer mesmo, o monstro oriundo da transformação do homem magrela, faces encovadas, olhar morto, andar cansado e enfermo de estomago, cujas contrações faciais, intermitentes e violentas, denotavam dores acabrunhantes e um estado febril permanente. (SEREJO, 2008, vol.1, p. 130).

O homem do erval, condenado pela realidade do meio, vê seu aspecto físico decorrente das duras condições de trabalho, do clima da região, do sistema econômico vigente, das políticas adotadas e do poderio de um grupo sobre outro. Os explorados índios e paraguaios, para o enriquecimento dos imperadores da erva, adquiriam tais características. As características, nessa análise, ultrapassam o físico e passa para uma viagem introspectiva. O ambiente fez com que a lenda se incorporasse de forma realista, e, inconscientemente, a figura folclórica adequou-se ao ambiente, os homens a adequaram a si mesmos. A particularidade da visão folclórica na região fronteira denota a singularidade da região e de forma ínfima, porém significativa, representa as vivências daquele povo.

Serejo apresenta, no conto *Carai* (2008) um pai que depõe acerca das lendas, “[...] protetor são as lendas que se entropilham, ao pé do fogo, nas noites frias de inverno. Dizem que os flecos possuem a sua melodia xucra, cuja serventia é fazer o gauchinho adormecer enquanto o pai está campereando.” (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 251). O homem se vê e se configura na lenda, ele a reproduz de forma a demonstrar a sua realidade, e a utiliza para abreviar o tempo de espera do filho, que vê o pai naquele ambiente brutal e hostil. Realmente não seria possível separar a realidade da estória ali contada, o fardo era muito significativo para não ser representado em uma narração para o filho adormecer.

O fragmento mencionado mostra que o discurso de Serejo nos dispõe as lendas e personagens folclóricos como fuga dos personagens. A lenda é o que distrai o filho de um gaúcho, enquanto o pai faz o trabalho pesado.

Serejo extrapola o conceito de regional, notando-se uma aproximação do povo fronteiro através de uma análise mais ampla e minuciosa da identidade fronteira. De um lado os ervais, os falares, as lendas, a economia e as etnias, de outro a dimensão da formação histórica desses aspectos e a análise comportamental diante desses fatores.

A reflexão sobre as mais variadas configurações do regionalismo na obra de Serejo leva-nos a uma perspectiva universal, visto que o espaço geográfico não é elemento que sobrepõe a análise humana e social, contrariamente, a narrativa serejeana expande a visão à análise do homem e os fenômenos sociais e culturais produzidos por ele, historicamente, dentro daquele ambiente.

Ao depararmos com tais análises dos aspectos da obra serejeana, acende um desejo de discutir a questão da universalidade na obra do autor, e como esse processo pode ser perceptível em suas narrativas. Podemos perceber que Serejo nos apresenta sujeitos singulares, colocados como seres sociais, visto que estão inseridos em um meio em que estabelecem relação com o meio, aos ervais, assim como com o trabalho, demais



trabalhadores, familiares, os dominadores e apresentam comportamentos particulares diante das situações sociais.

Para compreendermos a relação entre o regional e o universal na obra de Hélio Serejo, pautamos essa discussão, nas concepções de George Lukács (1978), em que, na obra *Introdução a uma estética marxista*, traz um estudo acerca do singular, particular e universal, na perspectiva do materialismo histórico, sendo entendido como um processo contínuo e relativo.

[...] os opostos (o singular é o oposto do universal) são idênticos: o singular não existe senão em sua relação com o universal. O universal só existe no singular, através do singular. Todo singular é (de um modo ou de outro) universal. Todo universal é (partícula ou aspecto, ou essência) do singular. Todo universal abarca apenas de um modo aproximado, todos os objetos singulares. Todo singular faz parte, incompletamente do universal, etc. (LUKÁCS, 1978, p. 109).

Consideramos, então, a concepção histórico-social do homem, que nos leva ao entendimento de que o indivíduo singular é um ser social. Sendo assim, a essência do homem é produto histórico-social, resultante das apropriações do indivíduo singular no decorrer de sua vida social.

Podemos compreender essa dialética como um processo contínuo em que o sujeito (singular) depara-se com situações inerentes ao gênero humano, propícias a ocorrerem nas interações sociais (universal). Essa interação concretiza-se na relação que o sujeito tem com a sociedade que o circunda, como o indivíduo se comporta diante das situações provenientes do meio em que está inserido (particular). O indivíduo, portanto, é constituído a partir do universal que o circunda, tornando-se, assim, particular.

No contexto dessas controvérsias, a dialética de universal e particular tem uma função de grande monta; o particular representa, aqui, precisamente, a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade. Assim, Marx – nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos – diz: “Deve-se evitar, sobretudo, fixar a ‘sociedade’ como uma abstração em face do indivíduo. O indivíduo é *ente social*. A sua manifestação de vida - mesmo que não apareça na forma direta de uma manifestação da *vida comum*, realizada ao mesmo tempo com outros – é, portanto, uma manifestação e uma afirmação de vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são *distintas*, ainda que – necessariamente – o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais geral de vida genérica, e a vida genérica seja uma *particular* ou mais geral vida individual. (LUKÁCS, 1978, p. 93).

Os caminhos entre a universalidade e singularidade precisam ser compreendidos como uma totalidade, em que o particular cumpre papel de mediador entre o singular e universal, para que caminhem em unidade, e não separadamente.

Seguimos, então, para a representação da dialética singular-universal-particular na literatura. “A tendência por nós esclarecida na análise do conhecimento, pela qual o processo amplia cada vez mais os limites da universalidade e da singularidade, opera também no reflexo estético”. Segundo o autor, esse processo estendeu-se às artes, pois, “seria impossível uma história das artes se, com as modificações da vida, não se ampliassem ulteriormente também na arte os limites do mundo conhecido e os instrumentos de sua cognoscibilidade.” (LUKÁCS, 1978, p. 162).

Consideramos a ligação entre a estética, arte e sociedade, em que o ponto central da particularidade é escolhido pelo artista para representá-la, e o autor consegue atingir a universalidade quando representa o indivíduo em sua totalidade, tanto como ser social, como na sua subjetividade.

Naturalmente, em muitos artistas importantes, desempenha um grande papel, a ajuda que eles recebem da filosofia ou da ciência. Mas tal ajuda só é verdadeiramente fecunda quando aparece não como teoria pronta e acabada, pronta para ser usada, mas como instrumento para compreender com maior profundidade, riqueza e amplitude os fenômenos da vida. (LUKÁCS, 1978, p. 163).

O autor literário representa através de seu personagem o universal e o singular, em que ambos, com sua particularidade, façam com que uma classe seja representada. Assim é concretizado o processo entre o indivíduo (singular), o gênero humano (universal) e a relação do indivíduo com a sociedade (particular). O leitor se reconhece na obra, pois a situação ali representada pertence à humanidade. Aí está a universalidade, o ser social na sua subjetividade, consegue ser enxergado e percebido e reconhecido em quem tem contato com aquela estória.

Quanto maior fôr o conhecimento que o artista tiver dos homens e do mundo, quanto mais numerosas forem as mediações que êle descobrir e (se necessário) acompanhar até a extrema universalidade, tanto mais acentuada será esta superação. Quanto maior fôr a sua força criadora, tanto mais sensivelmente êle retransformará as mediações descobertas numa nova imediaticidade, concentrando-as organicamente nela: êle formara um particular partindo do singular. (LUKÁCS, 1978, p. 164).

Hélio Serejo destaca-se por colocar seus personagens inseridos em uma região geográfica específica: a fronteira Brasil-Paraguai, nos ervais mato-grossenses. No entanto, é perceptível que o ambiente, à medida que e feita uma leitura analítica, é um espaço de encontro cultural, que define o processo de formação identitária da região. Os personagens de Serejo são inseridos em um mundo hostil, violento e de dominação. Em todos os exemplos

expostos anteriormente, nessa seção, vemos indivíduos (singulares), em contato com o meio social, este os leva a determinados comportamentos particulares.

O personagem surge a partir de uma singularidade que se dirigiu ao universal, ao convívio social onde encontrou um grupo miscigenado, que presencia os problemas e desigualdades sociais e as consequências delas no mundo dos ervais, o que leva os indivíduos a comportamentos particulares.

É perceptível que as obras de Serejo abrangem aspectos que vão além do espaço geográfico. Os ervais do antigo Mato Grosso é um lugar significativo por ser um espaço de formação cultural, acarretado por aspectos políticos e econômicos que impulsionaram a formação histórica da região. Quando o autor consegue destacar o sujeito inserido nesse espaço, em suas relações sociais, chega à particularidade, visto que é possível analisar o personagem ente individual e social de forma simultânea.

O regional se faz presente na ênfase que o autor dá às vivências nos ervais, e tudo o que o ambiente provoca nos personagens. As regiões, nesse contexto, são cenários para análises psicológicas, e de formação de identidades culturais advindas das transformações histórico-geográficas, promovidas por todo o contexto da formação da população fronteiriça do fim do século XIX e início do século XX, período do ciclo ervateiro. Há uma transfiguração do regional, e uma análise da condição humana, unidos em todos os aspectos já citados aqui, levando-nos a uma percepção universal.

Notamos a presença da universalidade na obra de Serejo, considerando que o regional, o psicológico, o cultural, o político e o econômico estão presentes em pouca disparidade, simultaneamente, levando-nos a uma análise global de dado momento histórico. Apresenta várias dimensões para tratar do regional. Amplia-se a visão e os vieses variados e nos faz adentrar em uma análise ainda mais minuciosa. Nessa perspectiva, o ambiente ervateiro é um cenário para o mundo, o mundo dos ervais, onde fatores diversos contribuem para a configuração de uma identidade própria.

Aspectos tão diversificados ultrapassam os limites do nacionalismo e do regionalismo. As composições evidenciam a fauna e a flora através de um teor descritivo; dialetos são inseridos, demonstrando a cultura dos povos locais, além da formação histórica da região, mistura de etnias impulsionadas por questões políticas e econômicas da região.

Os diálogos entre os personagens, muitas vezes forçados a uma linguagem própria da fronteira com dialetos inovadores, e estruturas morfossintáticas próprias demonstram a formação cultural da região. A análise histórica e comportamental, além da econômica, traz

uma percepção mais aprofundada no que diz respeito ao que levou a essa junção, a essa mistura de linguajares.

Uma planta moveu a ambição de homens que impulsionaram a economia da região a atrair povos de outros estados e de outro país, além da exploração da mão de obra de povos então marginalizados. Uniu índios, paraguaios, gaúchos, colonos, portanto, o hibridismo presente é resultado de um histórico de exploração econômica advinda da exploração da erva nativa. Por trás da formação, há um hibridismo forçado, através do capitalismo selvagem presente no histórico da formação da cultura fronteiriça.

Não há apenas o hibridismo. Há fatores preponderantes para tal junção. E há consequências disso. Índios deixando seus afazeres naturais, para servir à máquina capitalista instaurada na fronteira. Paraguaios sem perspectivas diante da devastação econômica de seu território e povos buscando uma nova perspectiva diante do crescimento de uma empresa que destilava poder em meio a povos em busca de uma alternativa. Serejo nos leva a uma análise universal da formação da identidade cultural da região, e não apenas a demonstra de forma pictórica.

As discussões realizadas nos tópicos referentes às faces do regionalismo presente na obra de Hélio Serejo levam-nos a uma visão abrangente da estética literária, levam, portanto, à desconstrução de conceitos ligados ao regional como algo intrinsecamente relacionado à geografia do ambiente da narrativa, fazendo com que o texto ultrapasse as barreiras do regional. Ao considerarmos a formação histórica da região que abriga a narrativa de Serejo, a fronteira Brasil-Paraguai no período do Ciclo Ervateiro, leva-nos a identificar o histórico da formação social e cultural da região, o sujeito presente nesse ambiente, no seu aspecto individual – análise da consciência do personagem, e como esse indivíduo reage em meio às relações sociais inseridas naquele ambiente - o que leva o leitor a ter uma percepção universal da obra serejeana. A percepção do sujeito inserido no ambiente ervateiro é imprescindível para a compreensão da análise realizada no capítulo terceiro do corrente texto, em que a identidade da personagem feminina, Capitoa, configura-se em meio ao rude e violento ambiente dos ervais, além de fatores históricos que serão esmiuçados.

Nesse sentido, é pertinente que consideremos essa discussão como ponte para uma análise pautada nos Estudos Culturais, pois, assim, pode-se compreender o funcionamento de dada sociedade representada no texto literário de Serejo. Os elementos identitários precisam ser apreendidos para compreendermos o objeto da análise que será feita no terceiro capítulo, relacionada à construção da personagem Capitoa e o processo de formação identitária da protagonista, tendo em vista que a personagem representa um sujeito inserido em um espaço

intersticial, onde encontra uma fusão de realidades diversas, e, em meio às relações sociais, sua identidade vai sendo construída como parte de um processo contínuo, mutável e inconstante.

## CAPÍTULO 2

### FIGURAS FEMININAS E SUAS REPRESENTAÇÕES EM OBRAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS

A identidade feminina, ao longo da História, passou por transformações, conforme a evolução da sociedade e as conquistas de inserções da mulher no âmbito social. Considerando a verossimilhança presente nas obras literárias, percebemos que elas representaram, ao longo do tempo, essa evolução social. Portanto, podemos destacar que o feminino representado pelos personagens na literatura, tem relação com a evolução do gênero feminino na sociedade.

Para compreendermos a configuração da personagem feminina na literatura brasileira, é relevante levantar alguns apontamentos da história das mulheres no Brasil, a fim de destacar fatos que são reconhecidos nos textos literários.

É interessante verificar que o histórico da mulher analisado desde o período colonial do Brasil justifica comportamentos misóginos e separatistas, além da reprodução dessa mentalidade por autores da literatura brasileira, ao apresentar personagens femininas.

A mulher, na verdade, é culpabilizada desde muito antes do período colonial. O conhecimento do mito do Éden, em que a mulher permitiu que o pecado entrasse no mundo devido a sua desobediência, fez com que ela passasse a ser vista como propensa a ser influenciada pelo maligno. “Com origem no Gênesis, o mito da mulher voluptuosa e perversa atravessa com momentos de exaltação os primeiros séculos do cristianismo até o século XVII, período da fulminação eclesiástica contra o sexo.” (PRIORI, 1994, p. 16).

Mary Del Priori (1994), com uma visão historiográfica, destaca as raízes do machismo no Brasil através de uma análise da mulher inserida do período colonial. Em sua obra *A Mulher na História do Brasil*, cita a pregação do Frei Antônio de Pádua, feita em 1783, que traz admoestações acerca do comportamento feminino, em que deixa claro que o uso de adornos e certas vestimentas provocava a sexualidade dos homens, fato intolerável. O frei, portanto, coloca o recato da mulher como regra para uma ordem social.

Priori cita também um processo paulista de divórcio datado em 1756, em que o juiz aconselha o marido a castigar a esposa em caso de desrespeito, “fazendo a mulher o contrário de amar e respeitar o marido, é permitido a este reger e aconselhar sua mulher, a ainda castigá-la moderadamente se merece. Se o castigo não for humano será divino.” (PRIORI, 1994, p. 17).

Nesse contexto, a submissão da mulher é tida como um valor da mulher ideal. É ela a responsável por governar a casa e educar os filhos. A culpa das divergências que ocorrerem em sua família recai sobre ela. Além disso, a figura feminina é a responsável pelos pecados sexuais, por isso “esvaziam a mulher de qualquer uso prazeroso do corpo.” (PRIORI, 1994, p. 19).

Entretanto, havia uma cumplicidade, por parte da Igreja Católica e da sociedade em geral, com a prostituição, assim, o homem podia satisfazer-se sexualmente sem ter relacionamentos concubinados, mantendo a ordem familiar.

No Brasil, as características que a tornaram um mal necessário, vão misturar-se com outras práticas consideradas pelas autoridades como transgressoras, fazendo com que a Igreja enxergasse, em cada mulher que infringisse normas, uma prostituta em potencial. (PRIORI, 1994, p. 20).

Quem cometia o pecado eram aquelas mulheres cujo ofício era servir os homens sexualmente. Estes, por sua vez, tinham essa permissão social, isso porque o homem não teve sua sexualidade reprimida, pelo contrário, era tido como vítima da provocação advinda da sensualidade da mulher.

Para os teólogos, a prostituição se constituía num crime menor do que o adultério ou a sodomia, pois desde o século XIII que textos de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho justificam que a ‘sociedade carecia tanto de bordéis quanto necessitava de coaclas’. A velada cumplicidade com a prostituição convivia com as preocupações contra os concubinários, e com a ideia de que uma boa ordem familiar dependia de um meretrício ordenado em função dos celibatários. Estes, portanto, deveriam pacificar seus ânimos nos bordéis com mulheres ‘públicas e postas a ganho’, cuja sexualidade era uma mercadoria que caracterizasse o seu ofício. (PRIORI, 1994, p. 22).

Mesmo que a Igreja tratasse a prostituição como transgressão, indiretamente, colaborava para a permanência da prática a fim de manter a ordem social e a conservação da família tradicional, visto que o homem não precisaria manter um relacionamento com a prostituta, apenas realizar o ato sexual e depois voltar para o seio de sua família.

A hipocrisia deste sistema normativo – que quer eleger um modelo ideal de mulher para implantar, com sucesso, a família e a fé católica na colônia, - explicita-se claramente nos processos que desvendam as formas de contravenção às leis civis e eclesíásticas. Quão distantes da pregação erudita e religiosa não se encontravam as mulatas e negras forras e as brancas empobrecidas, todas mulheres livres a lutar contra as dificuldades do cotidiano. (PRIORI, 1994, p. 20).

Em meio a esse contexto de desigualdade, o meretrício do século XVIII passou a ser visto como perigoso socialmente, por gerarem “proles ilegítimas”, o que acarreta a miscigenação das raças, nascimento de filhos mestiços, quando o homem branco relaciona-se com uma escrava ou prostituta negra, o que era contrário ao ideal de “pureza de sangue tão cara aos colonizadores” (PRIORI, 1994, p. 23).

A prostituta era culpada por provocar o pecado no homem através de seus corpos, além de miscigenar a raça.

A ilegitimidade, por sua vez, compromete a ordem do Estado metropolitano na medida em que o equilíbrio da dominação colonial pode ser quebrado pelo incremento de bastardos e mestiços, colocados pelo próprio sistema, nas fímbrias da marginalidade social. (PRIORI, 1994, p. 24).

Mulheres tidas como mal sucedidas, separadas, concubinadas, mães solteiras eram vistas igualmente às prostitutas. Eram mulheres sós, que tinham como tarefas o trabalho doméstico, além do trabalho externo para seu sustento e de seus filhos. Era comum distribuírem os filhos entre parentes e amigos, e no caso de filhas meninas, encaminharem para serem acolhidas por famílias mais abastadas para que lá ocupassem serviços domésticos.

O histórico da mulher do início da colonização do Brasil mostra justificativas acerca do comportamento social em relação ao papel da mulher, assim como suas restrições e as culpas a elas atribuídas ao longo dos séculos.

A partir do século XIX, no Brasil, destacou-se na história a vinda dos imigrantes europeus atraídos pelo setor primário, substituindo a mão de obra escrava, e pelo trabalho fabril nas cidades. A partir da industrialização advinda da Revolução Industrial ocorrida na Europa no século XVIII, a demanda de mão de obra trabalhadora fez com que a mulher deixasse de exercer apenas atividades exclusivas do âmbito privado e passou a ser inserida no mercado de trabalho.

Com a consolidação da burguesia no poder, firmam-se, no século XIX, a divisão de papéis e uma rígida separação das esferas de atuação entre os gêneros. O masculino na órbita pública e o feminino no âmbito privado. Restringindo-se as mulheres a esse espaço, direcionando a sua educação com vistas apenas aos papéis de esposa, mãe e educadora dos filhos, impedia-se sua realização como sujeito histórico pleno. Tal fato se configura com mais ênfase entre os segmentos mais elevados, já que as mulheres pobres, por sua condição social, continuam a ter a rua como espaço preferencial, obrigadas, elas mesmas, a realizarem suas compras, também como ao exercício do trabalho extradoméstico, além de encarregarem-se de inúmeras atribuições que lhes proporcionavam maior independência; o que não impedia, porém, entre elas, a presença de contradições entre os gêneros e a incorporação desses saberes. (PERROT, 1988, p. 200).



No entanto, ainda estava consolidada a marginalização social das mulheres em uma sociedade que divisava de forma clara os limites entre o papel desempenhado pelos homens, sempre portadores dos direitos civis, senhores de seus lares e detentores de cargos públicos, e suas esposas, que protagonizavam a fiel figura de mães de família, totalmente incapazes de papéis sociais que viessem a requerer alto nível de intelectualidade e tomada de decisão. Portanto, muito lhes foi negado pelas normas sociais vigentes, retirando-as quase que por completo da esfera pública.

Historicamente, podemos perceber que embora a presença da força de trabalho feminina tenha se intensificado, devido a essa necessidade crescente de mão de obra, fica clara a desqualificação e desvalorização dessa massa de mulheres trabalhadoras, sua margem de remuneração era inferior, e sua marginalização crescente.

No limiar do século XIX as fronteiras para a participação feminina no mercado de trabalho vão se ampliando devido à necessidade de mão de obra para gerir a engrenagem do sistema capitalista. Historicamente, podemos perceber que embora a presença da força de trabalho feminina tenha se intensificado, fica clara a desqualificação e desvalorização dessa massa de mulheres trabalhadoras, sua margem de remuneração era inferior, e sua marginalização crescente.

As lutas pela equidade de gênero provocaram inúmeras discussões e evoluções na mudança de mentalidade. O que nunca foi fácil devido ao longo histórico de dominação do sexo masculino sobre o feminino e a predominância da sociedade patriarcal, em que a mulher passava do domínio do pai para o poderio do marido. As que fugiam desses moldes eram mal vistas pela sociedade que a marginalizava.

O período eminentemente patriarcal seria formado pelo que, independentemente do tempo cronológico em que ocorre, exteriorizasse uma gravitação em torno de uma autoridade que transcendesse a quase tudo; um padrão a ser observado sem reservas desde a forma mais elementar de comunidade, até a mais complexa. (COUTINHO, 2004, p. 274).

Contudo, a cultura de dominação presente entre os gêneros já marginalizou o sexo feminino como um todo, e torna-se um desafio desconstruir tais conceitos impostos por séculos e inserir a mulher na sociedade, de modo que esta seja vista como um cidadão em nível de igualdade em relação ao homem.

Hoje, apesar de não ter chegado ao ideal de sociedade igualitária, especificamente, em questões de gênero, são perceptíveis as mudanças ao longo dos séculos.

A análise do momento histórico relacionada à condição feminina do momento e como foi representada em obras literárias escritas em determinado período permite concluir o papel feminino na sociedade, bem como sua marginalização como gênero inferiorizado, o domínio do sexo masculino, como também as mulheres que se diferenciaram das demais em dado momento histórico, analisando a sua relevância (ou não) nas obras. Para isso, a análise das características físicas (estereótipo de beleza), comportamentais, modelos de instituições familiares, relações de trabalho, entre outros aspectos, presentes nas obras literárias brasileiras, será realizada ao longo desse capítulo, para que consigamos chegar às conclusões acerca da condição feminina em dado momento histórico representado pela obra literária.

Com exemplificações de figuras femininas presentes na literatura brasileira, ao longo dos séculos, será possível, no decorrer do estudo, reconhecer a presença do patriarcalismo e as consequências dele para as mulheres submetidas à dominação de um gênero socialmente superior. A partir das análises feitas, é possível correlacionar tais aspectos às representações femininas na obra serejeana.

Hélio Serejo, o autor centro dessa pesquisa, traz, ao longo de sua obra, inúmeras personagens femininas. Mulheres que viveram na região de fronteira Brasil-Paraguai no final do século XIX e início do século XX. O período correspondente ao Ciclo da Erva-mate no sul do Mato Grosso é marcado por exploração do trabalho, além das marcas da sociedade patriarcal, onde, o sexo feminino se vê em situações de violência e submissão.

Com os estudos do capítulo, será possível aferir essas questões, e perceber como ocorreu a representação feminina na literatura brasileira, ainda que tenha sido representada, em sua maior parte, sob a ótica masculina, considerando que o autor Hélio Serejo, também representou o feminino sob a perspectiva masculina.

## **2.1 A personagem feminina e suas configurações na literatura brasileira**

É perceptível, ao analisar o histórico de colonização do Brasil e a miscigenação gerada por ela, além das análises das personagens presentes em obras literárias brasileiras, a seguinte concepção em relação às mulheres: “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar: assim a doxa patriarcal herdada nos tempos coloniais inscreve a figura de mulher presente no imaginário masculino brasileiro e repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores.” (DUARTE, 2009, p. 6).

A mulher integra-se como personagem na literatura desde os primeiros escritos. Nota-se um estereótipo advindo do período colonial e imperial de forma estereotipada, ligada à sensualidade e características visuais.

No período quinhentista da história do Brasil, ano da chegada da frota de Pedro Álvares Cabral às terras brasileiras, auge do Renascimento, o imperialismo português conquista mais um território. Considera-se literatura de informação, visto que os primeiros registros, realizados pelos portugueses expuseram, sob a ótica exclusivamente deles, o que havia na nova terra.

A carta de Pero Vaz de caminha aponta as primeiras visões do ambiente, inclusive acerca dos nativos. As índias não deixariam de ser citadas, descrevendo a nudez e as características físicas delas.

João Azevedo Fernandes, pesquisador na área de Antropologia Cultural, traz em seu livro *De cunhã a mameluca. A mulher tupinambá e o nascimento do Brasil* (2003) uma análise da mulher indígena no período colonial. Na obra, há uma explicação, segundo o autor, sob a ótica masculina, da realização dos casamentos conforme os costumes e cultura do povo Tupinambá. O poder social dava-se à capacidade do chefe de família em manter seus filhos por perto, seja fazendo com que o genro morasse em sua *maloca*, ou a nora viesse também para seu meio familiar. A espécie de pagamento de dívida, explicada por Fernandes trazia a prática comum de casamentos entre tio e sobrinha, o que não foi bem visto pelos colonos cristãos. Fernandes vê uma hierarquia social perceptível nos casamentos.

No caso dos Tupinambá, o poder pessoal estava relacionado à capacidade de alguns indivíduos, chefes dos grupos domésticos, as *malocas*, manterem junto a si filhos homens, casando-os virilocalmente, e atraírem genros para sua maloca através da uxorilocalidade preferencial: a própria noção de chefia se confundia com a posição de sogro, de “doador” de mulheres. Tal situação – ao menos no discurso social dominante – inaugurava entre doadores e receptores uma aparente relação de dívida, de “serviço da noiva”, dívida que seria resgatada através da prestação por parte do genro / cunhado de um cativo canibalizável à parentela da esposa, ou da cessão de uma filha ao irmão da esposa (o casamento preferencial entre o tio materno e a sobrinha, que tanto surpreendeu os cronistas). No primeiro caso, trata-se de um “duplo” do próprio genro, no segundo da esposa recebida. Uxorilocalidade e virilocalidade eram pontos em *continuum* no qual escapar do serviço da noiva associado a uxorilocalidade era um ideal somente alcançado através das proezas guerreiras ou, socialmente, através da força política dos parentes do noivo. (FERNANDES, 2003, p. 26).

Segundo o autor, essa forma de organização traz vantagens ao homem quando há casamento virilocal, fazendo com que o marido tenha apoio de seus familiares em alguma situação de conflito, como também as mulheres, em uniões uxorilocal, podiam ser protegidas

de possíveis abusos e atitudes indesejadas por parte do marido, tendo em vista que está acolhida pela sua própria família.

Pode-se fazer uma sutil relação com os moldes e interesses nos casamentos realizados na cultura Tupinambá e na cultura euro-cristã. Interesses familiares e favorecimentos através das uniões eram os fatores impulsionadores, porém a cultura e os fatores que determinam o poderio social são bastante diferenciados, e até mesmo as ideias de submissão diferem-se entre as culturas.

Em sociedades que não se estratificam em classes socioeconômicas – como é o caso dos Tupinambá e outras sociedades tradicionalmente denominadas de “primitivas” – o sistema de relações sociais e a organização de direitos e obrigações individuais se expressa em maior ou menor grau através de práticas apoiadas em terminologias e laços de parentesco e afinidade. Ali onde não existem distinções de casta ou classe e onde o trabalho é organizado em função das linhas de sexo e idade, com predominância clara do trabalho feminino, é o casamento que regulará privilégios e hierarquias, desigualdades inerentes a qualquer organização social humana. (FERNANDES, 2003, p. 25 e 26).

Podemos analisar também as relações de trabalho. A cultura da divisão de afazeres pode ter certa relação com a europeia, visto que, por uma questão física, as tarefas ligadas às mulheres são relacionadas às tarefas domésticas e cultivo de alimentos. Ainda que o trabalho da mulher não permita descanso, sendo exercida em um maior espaço de tempo que o do homem, não tinha tanta visibilidade quanto às atividades do homem.

Praticamente todas as atividades econômicas eram realizadas exclusivamente pelas mulheres. Estas eram responsáveis por todos os trabalhos agrícolas, do plantio ao preparo do alimento, passando pela colheita. Também realizavam todos os passos necessários ao fabrico dos diferentes tipos de farinhas e bebidas fermentadas, bem como os recipientes de barro ou cestaria utilizados. Todos os serviços domésticos, como manter os fogos acesos e o abastecimento de água, bem como o transporte de material ou das crianças – inclusive durante as guerras – eram atividades femininas. (FERNANDES, 2003, p. 64).

Porém, Fernandes (2003) destaca as atividades masculinas vistas como mais relevantes por causa da participação nas guerras, nas trocas de mulheres, exercício de liderança de famílias, controle dos recursos.

Os europeus colonizadores da nova terra chegaram nesse contexto, e a partir daí mudanças passaram a acontecer. É a índia desse contexto que é descrita nas cartas e documentos quinhentistas. A análise histórica não foi feita pelos autores, visto que se enfatizou as características físicas, vestimentas, pinturas e comportamentos superficiais. Porém, o processo de colonização, miscigenação e catequização dos índios trouxe ao longo

dos anos o processo de aculturação, domínio, etnocídio e temos o resultado da forçada implantação da fé cristã trazida pelos jesuítas e demais colonos.

A mulher pós-catequização depara-se com a inserção de um padrão moral religioso. A implantação de uma “sociedade civilizada”, a fé católica implantada pelos jesuítas, passa a impor através da Igreja a vida moldada à sua doutrina. De acordo com esses moldes, a mulher, submissa ao patriarca, tinha suas atividades voltadas a atividades domésticas, obedecendo ao marido e à igreja, considerando o papel do homem como a cabeça do lar, representando Cristo e a Igreja. Condenada à sina de Eva, passa a ser a causadora de males, o que a faz depender em todos os aspectos do homem, principalmente em tomadas de decisões, daí a necessidade de extremo controle sobre as atitudes dela. Outro estereótipo a ser seguida é o da Virgem Maria, a pureza da mulher sem pecado por ser virgem obriga a mulher a seguir esse padrão moral até o casamento.

No Romantismo brasileiro, a figura da mulher indígena teve destaque, porém os autores, através de suas personagens, traçaram perfis de mulheres com enfoques diferentes. Dentre elas foram apresentadas, além das indígenas, cortesãs, virgens, mulheres urbanas, interioranas, sensuais ou tímidas, fortes ou submissas.

No início do século XIX, em José de Alencar, vemos como características a idealização da mulher. Os perfis femininos de Alencar não se limitam aos padrões da época. As obras, portanto, dialogam com a sociedade do período, aos valores que permeavam o contexto correspondente a meados do século XIX, em que a escolha por representar o feminino por meio de mulheres fora dos padrões comuns, comprova a ideia de uma sociedade onde a mulher comum, em sua maioria, ainda estava presa aos paradigmas de submissão aos valores da época.

O assunto tratado no romantismo brasileiro foi de tendência nacionalista, com a eufórica busca da identidade nacional de um país agora politicamente independente. O viés eurocêntrico ainda não desvencilhado mostra personagens ligados ao colonizador branco que não deixou de ter relevância nessa nova estética.

Alencar consegue também, na amplitude de sua obra, ocupar os espaços urbanos, escrever em uma perspectiva regional além da histórico-indianista. Nessa perspectiva, temos como exemplo, Aurélia Camargo, protagonista do romance *Senhora*, publicado em 1875, que se vê apaixonada por Fernando Seixas. Sem perceber, culturalmente vinculada aos moldes impostos às mulheres cariocas no momento histórico, vê a oportunidade de adentrar aos valores patriarcais e iniciar sua relação conjugal, e formação da instituição familiar própria do que é tido como valor moral tradicional de conduta.

No entanto, Aurélia sofre uma decepção, vendo seu amado casar-se com outra mulher, impulsionado pelo interesse financeiro. O autor aproveita para representar os moldes de casamento da época, em que dotes importavam às famílias e os casamentos por conveniência, em meio à elite burguesa, eram comuns. *Senhora* trata-se da mercantilização dos casamentos em meados do século XIX.

José de Alencar viu em Aurélia, que inicialmente encaixava-se ao senso de mulher comum, a oportunidade de afastá-la dessa concepção e formar um caráter aparentemente independente, dona de suas próprias decisões.

O homem dono de si tomou suas decisões. Agora, a mulher dona de si, de seu dinheiro e de seu destino decide comprar o homem que a humilhou, assumindo, assim, poderio sobre ele.

Trata-se da compra de um marido; e teremos dado um passo adiante se refletirmos que essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro.” (CANDIDO, 2006, p. 16).

Percebemos que a submissão da mulher, além de motivos religiosos e culturais, também é influenciada pela questão econômica. A mulher, acesso à vida profissional, tornou-se dependente economicamente do pai e depois do marido. Essa realidade, no caso de Aurélia, só mudou com a herança recebida e sua ascensão econômica.

O desfecho da reviravolta de Fernando seguido da retomada da relação amorosa entre o casal mostram a dependência emocional da personagem feminina. Aurélia volta à essência da mulher da época, quando se viu em um momento de perda do poderio sobre Fernando, constituiu o modelo relacionamento tradicionalmente aceito, agora sem chantagens e dominação (por parte dela), porém a busca do ideal de mulher submissa foi de certa forma desvencilhada, mostrando sua personalidade e atitudes fora dos padrões.

Ainda no viés urbano Alencariano, *Lucíola*, publicada em 1862, representa as cortesãs do século XIX. O autor coloca em evidência os motivos que levaram ao primeiro ato de entrega, um tanto quanto violador, com o velho Couto. Com a profissão, Lucíola salva a vida de saúde debilitada de seu pai, mas é hostilizada pelo próprio auxiliado por ter desonrado sua casa com a prostituição.

A personagem acredita que a culpa terminaria apenas com sua morte, e a não retirada de um feto morto em seu ventre provoca esse fim.

Uma sociedade moralista jamais aceitaria uma relação convencional com Paulo, por quem Lucíola se apaixonou. Mostra uma mulher julgada pelo patriarca e não prosseguiu o regime de dominação para o marido devido às circunstâncias de sua vida, o que não a fez ter um desfecho feliz, mas sim trágico. Diferentemente de Aurélia, Lucíola não pode reverter o quadro para retomar os valores tidos como ideais, o que ocasionou sua morte.

Ainda em Alencar, agora no viés indianista, permanecem-se as figuras femininas e os seus papéis definidos socialmente, ainda que originalmente o padrão ocidental não fizesse parte da personagem, culturalmente falando.

Na obra publicada em 1857, *O Guarani*, o autor refere-se à Cecília, com uma elevada carga de descrição da personagem. Cecília, filha de um patriarca, vê-se nitidamente comparada a um anjo, à pureza de uma santa, remetendo à virgindade. É nítida a visão eurocêntrica, o ideal de mulher para mostrar à sociedade como esposa é representada por Cecília.

Os perfis femininos representam a diversidade de culturas, concepções, comportamentos e classes sociais. É perceptível que os autores buscam apresentar modelos diferenciados, não convencionais. As mulheres estão ambientadas no regime patriarcal, mas há um apreço pelas que fogem ao modelo comum de mulher da época – nascer, casar, ter filhos, cuidar dos afazeres da casa e morrer. Essa trajetória a maioria tomava, porém modelos diferentes de perfis femininos são colocados. A carga cultural presente nos autores deixa transparecer alguns modelos já prontos a serem seguidos, como o ideal de mulher como a bela; aquela que encontrou seu grande amor e lutou para conquistá-lo, ainda que o desfecho seja infeliz.

Iracema, personagem principal da lenda do Ceará – *Iracema*, publicada em 1865, terra natal de Alencar, também não obteve sucesso no desfecho de sua vida conjugal. Mais uma união fora dos padrões. A obra recebeu o nome da personagem protagonista e focou no encontro do índio com a civilização portuguesa. Seria esse um desejo de um grupo da sociedade do período? Teria Alencar a visão da união entre os povos e um futuro tratamento de igualdade, já que uma nação independente composta pelos nativos e colonos estava a se formar? Enfim, o relacionamento entre Iracema e Martim representou o indianismo romântico brasileiro.

Iracema é descrita pelas características físicas e enfatiza-se sua virgindade como algo de extrema valia, justificado pelo ritual pelo qual foi submetida. A virgem dos lábios de mel consagrada ao culto de Jurema quebrou as regras unindo-se a um homem o que ocasiona conflitos entre as tribos rivais. Iracema vê a derrota de seu povo, depara-se com a ausência e

insatisfação do marido branco. A culpa de todo o sofrimento recai, ainda que na consciência da personagem, sobre ela, que teve a morte como desfecho ao dar à luz o seu filho Moacir. Voltamos a detectar resquícios da mentalidade medieval, ainda que de forma não explícita, e de castigos agora diferentes, a cultura da culpa da responsabilidade pelas escolhas é da figura feminina que não mereceu um fim dentro da normalidade de um casamento convencional.

Visconde de Taunay, ainda que adepto ao regionalismo realista, apresenta fortes traços da estética romântica. A presença da natureza como espaço da narrativa relacionando-se às sensações do personagem, faz com que ainda reconheçamos o regionalismo romântico em *Inocência*, publicada em 1872. Pode-se dizer que a figura feminina foi vítima de seu pai, que em um contexto de dominação, o patriarca passaria o domínio de sua filha à Manecão, um bruto vaqueiro do sertão de Paranaíba, sul de Mato Grosso, onde se passa a narrativa. Este mata o amado de Inocência, uma questão de honra, em que se mostra a hipocrisia e o falso moralismo de uma sociedade que costumes e dinheiro valem mais que a vida de o homem e muito mais que a liberdade de uma mulher.

Manoel Antônio de Almeida, em *Memórias de Sargento de Milícias*, publicada em 1852, apresenta a personagem Vidinha, que representa a mulher mulata, mais uma vez, nota-se a descrição física, dessa vez com traços ligados ao erotismo. No desfecho da trama, deixa claro, de acordo com essa análise, a escolha do protagonista pela mulher branca, Luisinha, atendendo às condições do regime patriarcal.

Em meio a um contexto literário dominado por escritores masculinos, apresenta-se Julia Lopes de Almeida, representando a literatura de autoria feminina. A autora publica, em 1896, o *Livro das noivas*, em que, o texto com teor instrutivo, traz um conteúdo voltado às noivas acerca da conduta esperada da mulher que está prestes a casar-se e constituir uma família, com um tom moralizante do século XIX. Coloca a mulher inserida no seio familiar, como agente transformadora, e, apesar de sua temática conservadora em relação ao papel da mulher, é considerada uma precursora, visto a sua visibilidade em um contexto que o intelecto era associado apenas ao homem.

Nesse sentido, tem fundamental importância o trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina, relegada ao esquecimento pela tradição canônica sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético em face da chamada alta literatura de autoria masculina. No Brasil, o resultado desse trabalho aponta para a descoberta de inúmeras obras de escritoras do século XIX, que, apesar de sua qualidade estética, jamais foram citadas pela crítica. (ZOLIN, 2009, p. 328).



As relações sem casamento eram moral, social e civilmente reprovadas, que, de certa forma favorecia a que, um grande número de mulheres buscasse no casamento e na maternidade o objetivo final de suas vidas. Julia Lopes de Almeida, portanto, tinha sua narrativa voltada para as mulheres, e embora compartilhasse da visão patriarcal da época, sua opinião pessoal oscilava entre a importância da questão da emancipação feminina, em oposição ao papel reservado às mulheres, pela sociedade burguesa. Observemos, então, uma seleção de trechos de sua mais famosa obra, dedicada às moças que iriam contrair matrimônio: o *Livro das Noivas*, escrito em 1896, porém muito divulgado ainda décadas depois de sua primeira edição:

O celibato é uma coisa triste... (Almeida, 1896, p. 171). (...) É o nosso esposo quem nos conduz pelo braço através dos caminhos da vida que a sociedade embaraça com os seus preconceitos terríveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espírito descansa e que nos vemos cercadas de respeito. Tanto mais forte ele for, quanto mais admiração lhe teremos. (ALMEIDA, 1896, p. 51-2) (...) Não te resignes a ser em tua casa um objecto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a lucta, para o amor e para o triumpho do mundo inteiro! Vivendo do coração exclusivamente, expomo-nos. aos mais pungentes golpes. Foram para nós inventadas as dores mais cruéis, foram-nos confiadas as mais delicadas missões. A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. E' a nos, como mães, que a pátria supplica bons cidadãos; é a nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral. (ALMEIDA, 1896, p. 13).

A obra foi escrita no ano de 1896, porém nas décadas seguintes, décadas estas, que já pertenciam ao novo século, poucas foram as mudanças sentidas pelas mulheres, pois a sociedade, ainda por muito tempo, iria compor-se da visão de que a figura feminina estava restrita ao âmbito familiar, nos padrões burgueses e patriarcais que delineavam a estrutura hierárquica da família.

Partindo para a estética naturalista, com a figura de Rita Baiana, na obra *O cortiço*, de 1890, vemos o animalesco unido à representação dos marginalizados, que permeiam a obra de Aluísio de Azevedo. A representação vem de forma diferenciada, porém, a essência social permanece a mesma do início do século. A sensualidade de Rita acarretou no assassinato de Firmo, e na destruição da família de Jerônimo, sendo que a esposa torna-se alcoólatra, e a filha lésbica e prostituta, ambos os comportamentos tidos como marginalizados socialmente. Mais uma vez a mulher é representada sendo culpabilizada por consideradas mazelas sociais. O homem de família foi seduzido pela sensualidade da mulata que exala luxúria. A luxúria não estaria também no homem? Não, a mentalidade ainda não evoluíra

nesse sentido. De acordo com a concepção da sociedade, Rita causou destruição por onde passou.

Outra análise de Rita leva-nos à questão da objetivação da mulher, questão que traz consequências até hoje, relacionadas ao gênero feminino e aos estereótipos de beleza.

O cientificismo de Aluizio de Azevedo e da estética naturalista mostra a personagem como dona de si, a livre escolha de casar-se ou não, escolha acerca da maternidade e sexualidade, mas ainda não uma mulher liberta dos julgamentos e concepções pré-estabelecidas que a colocam ainda como marginalizada perante o domínio masculino em uma sociedade patriarcal.

Já na estética modernista, volta-se a falar de regionalismo. Os romances da década de 1930 voltam a representar a mulher ambientalizada, agora sofrendo as consequências do ambiente que está inserida, além da marginalização que vem sofrendo ao longo da História.

*São Bernardo*, publicada em 1938, de autoria do alagoano Graciliano Ramos, mostra uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo. Em meio a esse contexto, vê-se uma mulher diferenciada, devido a sua instrução e a escolha da docência como profissão, provoca um despontamento da parte de Paulo Honório, pretendente de Madalena, dono da fazenda São Bernardo, o que comprova que o personagem a queria como esposa submissa e exercer o domínio sobre ela. Compreende-se a mulher como propriedade, o que pode ser verificado na fala de João Nogueira: “Tirou-me a palavra da boa, atalhou João Nogueira. Convide a Madalena, seu Paulo Honório. Excelente aquisição, mulher instruída.” (RAMOS, 2002, p.48).

Paulo, que tinha a visão de que mulher era como um “bicho”, a quem não era necessário demonstrar qualquer tipo de afeto, visto que a sua maior serventia era a reprodução. A figura opressora de Paulo Honório a inferioriza e a submete à objetivação.

A resistência da moça torna-se um entrave na vida do fazendeiro. Madalena, em uma vida conflituosa, tendo seu caráter independente, mas em uma sociedade que a marginaliza, prefere o suicídio à dominação de seu marido.

Dentre o panorama da literatura brasileira, destaca-se também a obra de autoria feminina, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, publicada em 1930, em que Conceição, personagem protagonista, sofre as consequências de seu comportamento libertário, em meio a uma sociedade conservadora em relação à conduta da mulher. A personagem dedica-se à docência e torna-se “uma professora que divide o tempo entre as aulas e a assistência aos necessitados, prefere estar solteira aos vinte e dois anos, contrariando os costumes locais, onde as jovens, bem mais cedo, já estavam casadas” (POLATO, 2013, p. 295). O trabalho

social de Conceição mostra a seca que assola o nordeste brasileiro, ambiente propício à fome e outras mazelas sociais. Conceição defendia os ideais feministas e não aceitou um relacionamento abusivo. Sua independência permitiu adotar uma criança.

A temática principal da autora, dentro do pano de fundo dos problemas geográficos e sociais nordestinos, é a posição da mulher na sociedade moderna, com seus preconceitos morais e sociais. As figuras femininas, em seus livros, são esboçadas com finura psicológica, situadas em posição de reação contra a dependência e a inferioridade da mulher. Os romances contam histórias da rebelião individual contra o ambiente doméstico e social, que junte a mulher à condição de prisioneira de uma tradição arcaica. (COUTINHO, 2004, p. 279).

Rachel de Queiroz publicou também a obra *Memorial de Maria Moura*, em 1992, retratando o Brasil rural do século XIX, no sertão nordestino. A protagonista Maria Moura sofre as consequências de uma cultura de dominação masculina, e ainda jovem, após a morte de sua mãe, sofre violência sexual por parte do padrasto e ainda é vítima da ambição de seus primos pela sua propriedade.

Após incendiar sua casa, foge com um grupo de jagunços, tornando-se chefe do bando; organiza roubos e até a morte de seu padrasto estuprador. A personagem representa o extremo da ruptura com a sociedade pautada no patriarcalismo.

No âmbito urbano, podemos exemplificar a representação feminina com a obra amadiana. Nesse contexto, podemos destacar dentre as obras do autor baiano Jorge Amado, *Tereza Batista Cansada de Guerra*, publicada em 1972. A personagem baiana, órfã, caracterizada como mulata sensual, foi vendida pela tia ao fazendeiro Justiniano Duarte da Rosa, por “um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa” (AMADO, 1982, p.68), quando menina, antes de completar treze anos. “Para fazê-la subir, Justiniano Duarte da Rosa aplicou-lhe mais um tabefe, dos bons. Assim Tereza embarcou em seu destino, peste, fome e guerra.” (AMADO, 1982, p. 78).

Sob o domínio de Justiniano, sofre violência física e sexual, além de ser privada de qualquer liberdade. Após conseguir de libertar da dominação do personagem, torna-se prostituta, e, ao longo de sua vida, lutou contra a violência doméstica e auxiliou no combate à epidemia de varíola no interior do Sergipe.

O romance mostra a condição de submissão da mulher em meio ao patriarcalismo e coronelismo, sendo agravada pelas condições econômicas e o preconceito racial existente.

Em uma perspectiva regional e introspectiva, com aspectos de universalidade, temos em destaque Clarice Lispector, em *A hora da estrela*, publicada em 1977, e a

personagem Macabéa. Clarice, sabiamente escolhe um narrador homem para descrevê-la e contar sua história. Por que essa escolha? Será que o narrador masculino deu a oportunidade de Clarice mostrar uma mulher fora dos padrões de beleza e intelectuais na visão de um homem superior a ela econômica e socialmente?

Pois bem, Rodrigo S.M nos coloca à disposição uma visão clara da marginalização de uma mulher que sofre diversos preconceitos e enfatiza as características da personagem – além do próprio gênero – que a levam à margem e a um desfecho trágico.

Ainda buscando figuras femininas na era modernista, com caráter regional e universal, vê-se a importância de citar Diadorim, personagem presente na obra publicada em 1956, *Grande Sertão Veredas*, do inovador Guimarães Rosa. A personagem passou a vida vestida como um jagunço, carregando um corpo de mulher.

Filha de Joca Ramiro, líder de um bando no sertão mineiro, passa a maior parte da narrativa caracterizada como homem devido à impossibilidade de viver naquele ambiente predominantemente masculino. A ambiguidade evidencia-se com o sentimento nascido por Riobaldo e o impedimento de um relacionamento sincero.

Diadorim foi vista como mulher no momento de sua morte, em um conflito. Não é difícil identificar o fato de que esse destino estaria reservado a ela se como mulher se mostrasse, remetendo a mulher com a morte no mesmo episódio. A personagem foi mais uma sacrificada pela existência da dominação masculina ao longo da História.

As figuras femininas relacionadas demonstram o histórico de inferiorização da mulher e como o modelo social vigente é representado nas narrativas, fazendo-nos reconhecer a verossimilhança existente nas obras literárias.

A partir desse panorama, observamos a mulher representada por Hélio Serejo, no período correspondente aos séculos XIX e XX, ainda demonstrando a mesma definição de papéis entre as mulheres: prostitutas para a satisfação social; submissas para a maternidade. Todas marginalizadas e condenadas à dominação masculina e aos moldes impostos.

## **2.2 A mulher serejeana: As “Heroínas dos Ervais”**

Hélio Serejo, ao mesmo tempo em que retrata o que viu e ouviu enquanto viveu na região de fronteira, atribuiu sentidos e interpretações às representações de figuras femininas inseridas na fronteira Brasil-Paraguai no período do Ciclo da Erva-mate. Em meio a sua obra, encontram-se personagens que sofreram violências físicas, sexuais e morais no contexto ervateiro. O autor apresenta mulheres resilientes, sofredoras, que, contudo, tornaram-

se as “heroínas dos ervais”, como Serejo as denominou. Todavia, narrativas produzidas por Serejo representam a violência sofrida por mulheres que precisavam se entregar à prostituição, além das que eram vendidas, alugadas ou mortas pelo próprio pai ou marido.

Ao analisar as obras de Hélio Serejo, verificamos um considerável número de figuras femininas. É perceptível a visão do autor acerca da concepção de valores morais femininos, configurados em mulheres pertencentes a um homem, as que têm o respeito social nos ervais; naquelas religiosas ou dedicadas ao conhecimento de ervas medicinais, sendo proveitosa sua função de curandeira em meio às adversidades em que o trabalhador ervateiro estava constantemente exposto; nas que realizavam com êxito as funções incumbidas historicamente às mulheres. Estas foram consideradas as “heroínas dos ervais”.

A velha Brígida ganhou reconhecimento de Hélio Serejo, por seu comportamento religioso. “Sempre era a primeira que se levantava na ranchada ervateira de dom Francisco Rojas; levantava-se, ganhava o terreiro, olhava para o alto e fazia o sinal-da-cruz. Se estivesse chovendo, na porta do rancho praticava o gesto santificado.” Exercia com êxito sua função “cuidava, com muita responsabilidade, de sua obrigação: acender o fogo, preparava a lenha, lavar os pratos e cuidar dos panos da cozinha”, atitudes que renderam sua citação na obra *Caraí Ervateiro*, “todos a respeitavam por isso”. (SEREJO, 2008, vol. VIII, p. 14).

Deparando-se com uma mulher dedicada a outras atividades, causava estranhamento digno de ser mencionado pelo autor. “No trabalho árduo era um homem completo. No momento da grande precisão, ensacava a erva e fazia, com absoluta perfeição, o custureado.” (SEREJO, 2008, vol. VIII, p. 60). Quando um trabalho braçal era realizado de forma satisfatória, não havia o reconhecimento de sua competência, mas sim, comparada com um homem. Sua competência era definida como algo essencialmente masculino, que estava, naquela situação, presente em uma mulher.

Na obra *Caraí*, quando Serejo explica os aspectos sociais em sua premiada monografia, em que “o admirável no trabalhador do erval é o seu respeito pela mulher que tem dono. Um *respeto santo*, no dizer de todos eles.”, Serejo deixa claro, pelo termo que utilizou em seu texto, “dono”, que a mulher era vista como propriedade de alguém. Primeiro do pai, depois do marido, evidenciando o patriarcalismo existente também na fronteira. Continua dizendo que os pais paraguaios sentiam-se felizes ao entregar a filha a um brasileiro, ressaltando que “às vezes de treze anos apenas” era a menina entregue ao casamento. (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 22).

A mesma concepção patriarcal acontece em *Homens de Aço*, em que “sente bem latente o valor da mulher do homem do erval. E essa mulher, símbolo da resignação e da força

de vontade, veio às vezes dos ínvios sertões do Paraguai, cheia de esperança, fazendo a pé martirosa caminhada, empós do eldorado: os opulentos ervais de Mato Grosso”. Aqui mais uma vez mostra-se valorosa aquela mulher pertencente a um homem, está é moralmente aceita como vencedora e resiliente. Aquela que suportava as atitudes do companheiro, como depois das “desregradas orgias dos jeroquis, esquece tudo, e com adoudado companheiro gasta à mão-cheia para depois, durante longos meses, auxilia a amortização do débito, batendo nas cacimbas a grosseira indumentária da peonada” e continuava a segui-lo, por amor, pela internalização de uma obrigação social, ou porque de outra forma não seria considerada heroína, mas sofreria as consequências de ser uma mulher sozinha em meio às atrocidades nos ervais. (SEREJO, 2008, vol I, p.246).

Ainda em *Caraí*, agora relacionando a figura da mulher ao trabalho nos ervais, o autor refere-se às mulheres paraguaias que vieram muito antes da industrialização, que “chegaram a pé, com os olhos incendiados de expectativa. Viveram elas vida de martírios, mas tudo suportaram ao lado do companheiro, uru, montador ou mineiro (...)” Serejo destaca o otimismo e a resiliência dessas mulheres que “não blasfemavam nunca. Que fosse como Deus quisesse!”. (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 35).

Serejo também reserva palavras às Nhás – curandeiras. “Eram respeitadas pelo que faziam no mundo atormentador dos ervais”. Conhecedoras de todas as plantas e os efeitos que elas faziam n’alguma enfermidade. “Eram as cunhás que curavam, um dom que receberam de *Diós*, por serem merecedoras pela paciência, pelo estoicismo, pela bondade, pelo amor cristão e pelas *manos milagrosas* que tenían... salvaram milhares de maleitosos, com as plantas que conheciam.” (2008, vol. VI, p. 55).

Nhá Chamé, “paraguaia inquebrantável”, dedicou-se até a morte ao trabalho doméstico, “ficou responsável pela cozinha da administração. Fez questão, ainda, de continuar socando erva no pilão, tarefa que executava sozinha.” Tida como mulher virtuosa, a que se encaixa nesses moldes, Serejo interpreta, por parte de Chamé, um “amor por essa vivência”. (SEREJO, 2008, vol. IX, p. 52).

Nhá Chaló, uma mulher paraguaia, que perde o pai, picado por uma jararaca e depois a mãe, deixando seu irmãozinho e o pedido da promessa de ser cuidado por Chaló. Decidiu cruzar a fronteira, ouvindo que muitos estavam vivendo bem nos ervais de Mato Grosso. Chegando, “se empregou, como cozinheira, em um rancho ervateiro que ficava na orilha da fronteira”. Passou a tratar as recorrentes doenças do irmão, tornando-se curandeira. “Em virtude de seu mister curador e aquela formação espiritual que a servia, Chaló tornou-se profunda conhecedora da medicina crioula.” Serejo conta que ela chegou a Ranchada

Baunilha trazendo consigo os remédios, com aproximadamente 50 anos de idade e seu inseparável irmão. Lá conviveu por muitos anos, e Serejo foi “testemunha, por várias vezes, das suas curas”. (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 263).

Heroínas que nasceram e morreram à margem, e viveram conforme os padrões, que as fizeram ser vistas como quem cumpriu o papel na sociedade.

Em meio ao contexto ervateiro representado por Hélio Serejo, encontram-se também mulheres que sofreram violências advindas do regime patriarcal e a mentalidade dominadora masculina a que eram submetidas.

Sabe-se que a mulher tem um histórico de submissão, dado pelo domínio do sexo masculino sobre o feminino, fato que traz consequências até os dias hoje. No contexto dos ervais não era diferente. A mulher, independente da posição ou do que a sorte reservou a ela, era submetida ao domínio de algum homem, seja do pai, marido, ou o homem que irá violentá-la de alguma forma. Hélio Serejo traz inúmeros casos de mulheres que sofrem as consequências do patriarcalismo.

Sobre os casos de venda e aluguel de mulheres na fronteira Brasil-Paraguai, destaca-se uma narração feita em *Balaio de Bugre*, em que um homem paraguaio, trabalhador nos ervais mato-grossenses, resolve visitar sua família que há vinte anos não via, e, na impossibilidade de levar sua esposa com ele ao Paraguai, “alugou-a a um seu patrício pelo preço ajustado e contratado de cem cruzeiros por mês, até o prazo de dez meses.” Ao retornar e buscar a mulher alugada, não recebe a quantia acordada, com a justificativa de que “*Etá muy vieja, patrón. Vieja mimo! E tiene poca voluntá de atender las necessidads del hombre...*” (SEREJO, 2008, vol. VII, p. 144).

Ainda em *Balaio de Bugre*, mais um episódio é contado, agora sobre um carpinteiro que chega à ranchada de Chico Serejo, pai de Hélio Serejo, acompanhado de suas cinco filhas paraguaias, a mais velha com dezenove anos. Chico, na tentativa de defender as mocinhas dos “lobos famintos”, assumiu o prejuízo, extinguindo aquela ranchada. Porém, após um tempo, soube que as meninas haviam sido vendidas pelo pai, “sendo lindas e ainda virgens, para elas seguramente acharia bom preço.” Serejo, em um tom de desapontamento, diz que “de nada valeram o zelo de meu pai [...] foram vendidas para melhoria de vida daquele que as pôs no mundo, formosas e encantadoras.” (SEREJO, 2008, vol. VII, p. 146).

Nas Bailantas, local dos bailes das ranchadas ervateiras, era “onde valia tudo e no qual se compravam mulheres de todos os preços”, e, segundo Serejo, deve-se a esses bailes, “milhares de cruzeiros que se encontram perdidas ao longo da região sulina mato-grossense”.

Destaca ainda que tais práticas são consequências da “formação de uma mentalidade agressiva e muitas e muitas vezes barbaresca.” (SEREJO, 2008, vol. IV, p. 85).

Em *No mundo bruto da erva mate*, Hélio Serejo conta um episódio envolvendo Céspedes, um trabalhador ervateiro e jovem Chula. Céspedes

sempre procura a fêmea para aliviar o seu sofrimento e trazer sossego ao seu coração inquieto. É por isso motivo que todo arrieiro que não tem, na cama dura, ao seu lado, o cheiro provocador de uma china, gosta de ficar, horas a fio, namorando a *jasy*, porque ela, eterna bonita e vaidosa, tem dó do peão que não possui companheira para ajudá-lo a enfrentar a vida na ranchada, onde nunca se sabe o que poderá acontecer no amanhã da esperança. (SEREJO, 2008, vol. VIII, p. 206-207).

Nessa busca, encontra Chula, “cunhataí *hermosa*, e que aceitou *su envotación*, com *permise de la abuelita*, para que juntos fossem enfrentar a vida nos ervais pestilentos do extremo sul de Mato Grosso.” Porém, Chula desaparece, como também um roceiro de meia-idade da ranchada. Ora Serejo refere-se a um “roubo de mulher”, ora em fuga. A questão é que independente do que tenha ocorrido, Céspedes a encontrou, e a jovem “recebeu uma facada na virilha. Não morreu. Ficou capenga pelo resto da vida.” Mais um episódio de violência contra a mulher de fronteira representado por Serejo. (SEREJO, 2008, vol. VIII, p. 207-209).

Em *Sete contos e... uma potoca*, duas figuras femininas, mãe e filha, são personagens de mais uma atrocidade no ambiente ervateiro. Ambas eram estupradas pelo patriarca, e, por uma simples dança em um baile, perderam a vida brutalmente. A menina de “apenas treze anos, de joelhos, aos gritos, vendo a mãe semidegolada, esvaindo-se em sangue, pedia e implorava clemência”, mas acabou assassinada também; e, de acordo com Serejo, um crime que se manteve impune. (SEREJO, 2008, vol. IV, p.266).

Outra coisa que caracteriza a mulher serejeana, além da submissão e violência, é a prostituição, bastante frequente naquele ambiente.

Na obra *Pialo Bagual*, Serejo apresenta a *Mulher quitandeira*, crônica que há a narração acerca de uma mulher que deixou a sofrida vida de prostituição, passando a trabalhar em um bolicho. “Mulher quitandeira teve sua história: foi palanque de muitas estâncias, rainha de fandangos e carreiradas, serviu a vários senhores, aguentando, com resignação, o gelo do inverno implacável ou o calor martirizante.” (SEREJO, 2008, vol.1, p.181).

Na mesma obra, agora na crônica *Perdida*, o autor descreve a morte de uma prostituta, enfatizando a vida de sofrimento da personagem que “infinitamente desgraçada, mergulhou no inferno da prostituição para ser coisa à-toa, lama da sociedade e mãe de todos



os vícios”, o que a vez ser “surrada pelo destino e pelos homens, foi tragada pela voragem do abismo”. (SEREJO, 2008, vol.1, p. 182).

Por fim, vale apresentar a figura de Capitoa, objeto da análise acerca da construção da identidade feminina representada por Hélio Serejo.

Maria Aparecida Belmonte depara-se com a perda de seu marido, o que a fez migrar para a região dos ervais mato-grossenses, alavancando o desenvolvimento de sua identidade. A protagonista mostrou-se uma mulher forte, guerreira, independente, que, caracterizando-se como homem, tornou-se líder de bandos e esteve à frente um grupo de homens e sua peregrinação pelas cidades hoje pertencentes ao Mato Grosso do Sul. Descobre amores, das mais variadas formas, representando a quebra de expectativa em relação aos relacionamentos e o modelo de família da época.

“E Capitoa fulminou o moço: - Di hoje em diante ocê vai sê meu home... bamo durmi junto sentindo o chero um du otro... bamo sonhá na mesma cama ou pru riba dus bachero mesmo. Tá ouvindo, seu Marcos?” (SEREJO, 2008, v.1 p. 87). O trecho descreve o momento que Capitoa obriga Marcos a relacionar-se com ela, ao saber que o mesmo desmoralizou-a frente aos demais, homem que, com seus comentários, fez emergir, em Nioaque, a notícia que era ele que reprimiria a bandidagem existente na região. O fato provocou a fúria de Capitoa, que não deixaria de tomar as devidas providências. “Não gostava que cristão algum menosprezasse sua pessoa [...]” (SEREJO, 2008, v.1, p. 83).

“É sabido que durante longo tempo, manteve em sua companhia meninas bem fornidas de corpo. E com elas dormi. E com elas, numa estúpida carícia de macho, rebolecava-se na cama, beijando-as num verdadeiro delírio” (SEREJO, 2008, v.1, p. 84). Ao descrever os modelos de relacionamentos que a personagem mantinha, observa-se a contrariedade ao padrão de identidade, diferenciando sua maneira de viver das demais mulheres de seu meio cultural.

Serejo apresenta Capitoa como uma figura enfática, porém não idealizada. Percebemos o caráter conservador do autor quando analisamos a construção das personagens femininas tidas como heroínas, em que a ênfase está na resiliência e nos moldes morais estabelecidos socialmente para um comportamento ideal feminino. Ao fazer uma leitura das características de Capitoa, considerando sua construção como personagem, percebemos que a figura feminina, que se diferenciou das heroínas exaltadas por Serejo, foi apresentada como uma figura caricata.

É pertinente mencionar que Hélio Serejo descreve a personagem feminina Capitoa em meio àquele momento histórico, apresentando uma personagem que, embora tenha como

ensejo o grotesco, permite-nos enxergar a sua coragem e independência. Desse modo, pode-se perceber que as atitudes da personagem não são condizentes com o modelo de mulher submissa apresentado por Serejo ao longo de sua obra, o que provoca uma inquietação em analisar como se configurou a identidade da personagem Capitoa em meio ao contexto de violência existente nos ervaís mato-grossenses.

### CAPÍTULO 3

#### AS CONFIGURAÇÕES DA PERSONAGEM CAPITOA, EM *QUATRO CONTOS* DE HÉLIO SEREJO

A análise pauta-se na personagem Capitoa, protagonista do conto intitulado com o nome da personagem, presente na obra *Quatro Contos* (1939/2008) de Hélio Serejo. Será traçada uma comparação, de um modo geral, entre as demais personagens femininas presentes na obra de Serejo, mencionadas no capítulo anterior, apresentando, inicialmente, o contraste do comportamento de Capitoa em relação à conduta comum das mulheres submissas apresentadas pelo autor.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se compreender a construção da identidade feminina na obra de Hélio Serejo, através do estudo e análise da personagem feminina presente na obra *Quatro Contos*, e a comparação entre Capitoa e as demais personagens femininas de Hélio Serejo.

É perceptível, ao analisarmos a personagem Capitoa, que fatores visíveis do limiar da emancipação feminina estão expressos na obra, quando se trata da questão das mulheres tornarem-se independentes, influentes e exemplos da identidade cultural de determinada região. Serejo sinaliza para a percepção de aspectos estéticos e ideológicos, que podem ser observados com um estudo analítico de sua obra.

Para tanto, o presente capítulo apresenta inicialmente o enredo do conto *Capitoa*, destacando o contexto de sua produção, assim como do ambiente em que a protagonista está inserida. Posteriormente, as características físicas e psicológicas de Capitoa são esmiuçadas para que seja realizado um estudo da construção da personagem de ficção, além de uma discussão sobre a dicotomia personagem-pessoa.

Contudo, o capítulo é findado com a análise da construção da identidade de Capitoa, pautada nos Estudos Culturais, para chegarmos à compreensão do processo de formação identitária da personagem em meio ao ambiente hostil dos ervais mato-grossenses.

Cabe, então, analisar as faces identitárias de Capitoa, entendendo que “uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida, se depreende daí a importância do reconhecimento nessa construção. Entende-se, desse modo, porque a questão identitária só interessa e só é reivindicada por aqueles que não são reconhecidos por seus interlocutores” (FIGUEIREDO & NORONHA, 2005, p.191). A construção da identidade de Capitoa é vista, portanto, como resultado das relações sociais.

### 3.1. Uma leitura do conto *Capittoa*

Iniciemos, então, a análise da configuração da identidade feminina na obra de Hélio Serejo, esmiuçando o enredo do conto *Capittoa*, *corpus* do estudo em questão.

*Capittoa*, conto de autoria de Hélio Serejo, escrito em 1939, está inserido na obra *Quatro Contos* e também na coletânea de contos *Contos Crioulos*, publicado pela Editora da UFMS em 1998. Apresenta conteúdo que se passa no final do século XIX até 1913. O conto inicia com a alusão à Revolução Federalista que ocorreu no Rio Grande do Sul, onde Maria Aparecida guerreava ao lado de seu marido capitão Belmonte. A protagonista viu seu companheiro ser morto em uma das batalhas. A personagem decidiu rapidamente continuar lutando, “tirou-lhe a farda, o revólver e a espada e continuou comandando a tropa. Mereceu o respeito de todos, pois lutava com entusiasmo, inextinguível coragem e sangue frio sem igual.” Ela mesma sepultou seu marido em um “cômodo da coxilha ensanguentada.” (SEREJO, 2008, vol.1, p. 81).

Depois de dois dias da morte de Belmonte, finda-se a guerra, e na semana seguinte, com alguns soldados, que o narrador chama de “irmãos de luta”, fora rumo à Mato Grosso.

Chama a atenção o modo como Capittoa aparece na região de Nioaque, “envergava a farda do falecido: bombacha grande, túnica de soldado, espada, revólver, etc.” (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 81).

A exótica figura feminina fez com que surgissem lendas a seu respeito. Acreditavam até que havia mais de cinquenta homens escondidos por ela, e que sob as ordens de Capittoa, iniciariam uma Revolução que separaria o norte e o sul do Mato Grosso, tornando Nioaque capital de uma das regiões desmembradas. As lendas se espalharam de tal forma que a paz passa a reinar na fronteira Brasil-Paraguai, fazendo com que os malfeitores da região desaparecessem.

Capittoa não aceitava ser zombada, prendeu um homem que ri de seu traje gaúcho, e tirou-lhe a barba com um facão.

Marcos, um mineiro que expôs sua opinião a respeito de Capittoa, dizendo quão grande era a vergonha de ser uma “mulher fardada, de revólver e espada, rodeada d bandidos, provocando todo mundo, surrando, prendendo e acabando com os bailes das famílias!”, além de sua “horrorosa feiura vive matando as criancinhas de susto.” (SEREJO, 2008, vol.1, p. 85). Capittoa soube das falácias do homem, durante meses o seguiu e conseguiu capturá-lo. “E Capittoa fulminou o moço: - Di hoje em diante ocê vai sê meu home... bamo durmi junto

sentindo o chero um du otro... bamo sonhá na mesma cama ou pru riba dus bachero mesmo. Tá ouvindo, seu Marcos?” (SEREJO, 2008, v.1 p. 87). O trecho descreve o momento que Capitoa obriga Marcos a relacionar-se com ela, ao saber que o mesmo desmoralizou-a frente dos demais, homem que, com seus comentários, fez emergir, em Nioaque, a notícia que era ele que reprimiria a bandidagem existente na região. O fato provocou a fúria de Capitoa, que não deixaria de tomar as devidas providências. “Não gostava que cristão algum menosprezasse sua pessoa [...]” (SEREJO, 2008, v.1, p. 83).

Quando Marcos morreu em um campo de luta, o narrador colocou-o como liberto de Capitoa “daquela mulher má, asquerosa, imunda, perversa, satanizada, sempre cheirando à carniça.” (SEREJO, 2008, vol.1, p. 88).

Além do menosprezo, outro “crime monstruoso – era um cristão viver com a Capitoa e ter o coração amolecido por outra fêmea.” (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 90). Foi o que aconteceu com Pedro, amante número um de Capitoa. Após três dias de festa em uma das propriedades da Companhia Matte Larangeira apaixonou-se por Anita, moça paraguaia que fugira do marido violento. Pedro por falta de condições financeiras, mesmo sem suportar o relacionamento com Capitoa, não podia abandoná-la. Porém, sua vontade de fugir com Anita ainda permanecia.

O amante de Capitoa adoeceu, a suspeita era reumatismo. Capitoa deixou-o em repouso e, confiando que ali ficaria até recuperar-se, partiu para uma viagem de dez dias com seu bando. Imprevistos e conversas que Capitoa ouvira acerca da paixão de Pedro por Anita fizeram com que o bando retornasse antes.

Pedro certo de que em breve estaria com Anita em Ponta Porã, conforme o planejado, acabou ferido pelos homens de Capitoa. Movida pelo remorso, ela cuidou de Pedro até o fim, e quando ele morreu, levou seus pertences a Anita. “Capitoa possuía suas perversidades. Era vingativa e cruel, mesmo numa desforra. Mas o coração – vez por outra – sabia ser dócil, ser meiga, ocasião em que a mulher-fera exteriorizava ternura de mãe.” (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 92).

O narrador expõe também relacionamentos homossexuais que Capitoa mantinha. “É sabido que durante longo tempo, manteve em sua companhia meninas bem fornidas de corpo. E com elas dormia. E com elas, numa estúpida carícia de macho, rebolcava-se na cama, beijando-as num verdadeiro delírio” (SEREJO, 2008, v.1, p. 84). Ao descrever os modelos de relacionamentos que a personagem mantinha, observa-se a contrariedade ao padrão de identidade, diferenciando sua maneira de viver das demais mulheres de seu meio cultural.

Capittoa, em uma tarde recebeu uma admoestação vinda do Tenente Gomes – parar de usar roupas masculinas, sob pena de prisão em Bela Vista.

Afrontando a ordem do tenente, recebeu voz de prisão, ela e todos de seu grupo. O tenente tirou-lhe as armas e chamou um barbeiro de Nioaque para cortar o cabelo rente ao couro cabeludo, trocou-lhe as roupas e depois a soltou.

Capittoa e seus quatro homens seguiram para Campo Grande. Encontrou auxílio, armou seus homens e “na povoação nascente iniciou suas arruaças. Onde sabia existir um baile, lá estava. Querendo dançar com as jovens formosas que sempre foi um de seus maiores fracos, abria briga, o tempo fechava, lampiões se apagavam... e o sanfoneiro fugia.” (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 94).

Diziam que o número de homens que compunham o bando de Capittoa cresceu e havia um grupo em cada canto da cidade, até chegar a ordem vinda de Cuiabá de destruir o bando. Em um matagal, foram cercados “segundo notícias, vagas e imprecisas, perdeu dois homens no entrevero e saiu ferida na coxa.” (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 94).

Depois de meses desaparecida, surgiu na cidade e após a fuga de alguns de seus homens e a morte de outros, além da morte de seu cavalo de estimação, passou a vender doces em uma barraca na rua Dom Aquino. A última notícia tida dela é que acompanhou um cambaio em direção à Camapuã.

### **3.2. Capittoa: dicotomia personagem-pessoa**

Quando nos referimos ao elemento personagem, logo buscamos inseri-lo em uma narração, e quando arriscamos definir este tipo textual, atentamo-nos aos elementos da narrativa, em que o enredo, ou acontecimento, apresenta personagens que agem e se articulam em determinado tempo e lugar.

O presente estudo leva à percepção de Capittoa como personagem de ficção imersa no interior da narrativa de Hélio Serejo em um processo do fazer literário. A personagem está inserida em uma narrativa do gênero conto. Vale considerar que é de suma importância atender-se para a construção do narrador, pois é ele quem “vai conduzindo o leitor por um mundo que parece estar se criando à sua frente.” (BRAIT, 1985, p. 53). A autora considera que a existência e escolha do foco narrativo faz o leitor visualizar a personagem e como ela se materializa.

Atentamo-nos, então, para a narrativa conduzida em terceira pessoa, que é o caso do conto *Capittoa, corpus* da pesquisa em questão. Com esse recurso “a personagem não é

posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras pelo retrato de suas ações” (BRAIT, 1985, p.55).

Para a autora, o narrador em terceira pessoa “finge registros e constrói personagens”, sendo assim, “simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem.” (BRAIT, 1985, p.56).

A narração em terceira pessoa é vista, então, como uma técnica em que os personagens são construídos à medida que ocorrem as escolhas de intensidades, acontecimentos e combinações que são inerentes à intenção do escritor.

Segundo Brait (1985), esse tipo de construção narrativa traz personagens planos. Partimos então, para a análise da complexidade das personagens de ficção. Nessa concepção, Candido (2011) apresenta em *A personagem de ficção*, a visão do crítico literário inglês Edward Morgan Forster, com base em seu livro *Aspecto do romance* (1927), onde o autor classifica as personagens (*homo fictus*) em personagens planas ou redondas, as que Antonio Candido chamou em sua análise de “personagens de costumes” e “personagens de natureza”, respectivamente.

Candido (2011) explica que as personagens planas eram subdivididas em tipos e caricaturas e “na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma idéia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera.” (FORSTER, 1927, p. 66-67, *Apud* CANDIDO, 2011, p. 62-63).

Brait (1985) reforça que essas personagens estão “ímmunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor” (BRAIT, 1985, p.41). É fácil, portanto, identificá-la como um tipo social, essa é a subclassificação que Forster (1927) chama de personagem *tipo*, porém, “quando a qualidade ou ideia única é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente a serviço da sátira, a personagem passa a ser uma caricatura”. (BRAIT, 1985, p. 41). As personagens redondas, em contrapartida, são encontradas, normalmente nas narrativas em primeira pessoa, apresentando complexidade, aquelas que surpreendem o leitor por serem multifacetadas e apresentarem particularidades do ser humano.

Podemos, contudo, encaixar Capitoa em uma dessas classificações, considerando que está inserida em uma estória em terceira pessoa, em que o narrador mostra o que bem entende de suas características e de seu comportamento social. Podemos inclusive vê-la como uma caricatura, personagem satirizada, que apresenta uma distorção da figura feminina em

uma figura masculinizada, que causa medo, e, inúmeras vezes, é detestável em seu meio. A personagem caricata, conforme interpretações de Brait (1985), é definida como aquela que tem “a qualidade ou idéia única levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente a serviço da sátira, a personagem passa a ser uma caricatura.” (BRAIT, 1985, p. 41).

Capitão é apresentada como figura efusiva, com uma “exótica personalidade”, que “além de sua inseparável espada e do 44 de cabo preto, usava uma faca e um belo rebenque”, sempre com um “lenço colorado no pescoço, bombacha enfeitada com botões de várias cores”, além de um chapéu de vistosa barbeta”. (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 82)

Podemos observar esses aspectos na construção das características físicas e comportamentais de Capitão. O autor apresenta uma figura diferenciada das demais personagens femininas e essas diferenças são colocadas de forma que

[...] o leitor pode perceber a cada linha um abuso retórico proposital, que, sendo duplamente irônico, vai chamando a atenção para a extravagante maneira de ser da personagem e da linguagem, ambas produzidas pela acumulação de signos que apontam para o mundo da fragilidade das aparências. (BRAIT, 1985, p. 27)

Nesse sentido, objetivamos atingir a percepção da relação da personagem como ser fictício, a dicotomia personagem-pessoa e a “concepção da personagem como ser de linguagem.” (BRAIT, 1985, p.43). Entramos então na problemática referente à questão da visão da personagem como componente de um fazer estético, em uma discussão sobre sua relação com a realidade.

Segundo Brait (1985), essa formulação só aconteceu a partir da disseminação das concepções dos formalistas russos, estudos que foram conhecidos pelo ocidente na década de 1950, com a publicação do livro *Formalismo Russo*, da autoria de Vitor Erlich. “Nesse sentido, ao estudar as particularidades da narrativa, os formalistas preocupam-se com os elementos que concorrem para a composição do texto e com os procedimentos que organiza esse material.” (BRAIT, 1985, p.43). E “ao encarar o personagem como ser fictício com forma própria de existir, os autores situam o personagem dentro da especificidade do texto, considerando sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-las”. (BRAIT, 1985, p.51).

A explicação de Candido (2011) vai ao encontro dessa ideia proveniente do formalismo russo:



Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. (CANDIDO, 2011, p. 58-59).

Tendo em vista que o autor literário é responsável pela criação do personagem dentro de uma estrutura estética, podemos aferir então que ainda que mais complexa que o ser humano a personagem é mais lógica. Candido explica que o romance moderno promoveu essa complexidade no personagem, fugindo de um esquema fixo. “A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas.” Assim, o autor utiliza a técnica narrativa esforçando-se para produzir seres coerentes “por meio de fragmentos de percepção e de conhecimento que servem de base à nossa interpretação de pessoas.” (CANDIDO, 2011, p. 59-60).

Por isso, o fazer estético, os elementos da narrativa anteriormente discutidos aqui, fazem parte de uma construção da escolha de um tipo de personagem e seu grau de complexidade, em que personagens planos ou redondos, de costumes ou de natureza são apresentados pelo foco narrativo.

A personagem, nesse sentido, é uma criação da linguagem, são seres intencionais, criados pelo autor. Portanto a personagem para adquirir existência, depende do conjunto estético da narração, da construção interna da narrativa.

De fato, dada a circunstância de ser o criador da realidade que apresenta, o romancista, como o artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica esta realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas. (CANDIDO, 2011, p. 64).

Hélio Serejo construiu uma narrativa e apresentou uma protagonista que foi movida pelo meio em que foi inserida, em um processo de mudança comportamental, visto que se encontrou em um mundo desconhecido, violento e de dominação. Consideramos que, “o autor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas que é uma interpretação deste mistério; interpretação que elabora com a sua

capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida.” (CANDIDO, 2011, p. 65).

Coube ao autor, decidir o foco narrativo a ser utilizado para apresentar a personagem ao leitor, assim como o grau de complexidade, sua caracterização e os limites de sua profundidade. O autor escolheu mostrar uma Capitoa vista por alguém (terceira pessoa), sem o detalhamento do seu psicológico. Cabe, portanto, ao leitor, a interpretação de seu interior, do que impulsionou seu comportamento e o sentimento por trás daquela figura caricata demonstrada em um trabalho estético-literário.

### **3.3. Capitoa: a anti-heroína de Hélio Serejo**

Em *Quatro Contos* (1939/2008), Serejo demonstra diversas facetas de sua personagem. Capitoa, em suas andanças, representa aspectos históricos, registros que nos trazem a formação da identidade cultural diante de uma sociedade revolucionária, e um ambiente fronteiro que promove a formação da identidade de uma mulher diferente do que se costumava ver.

A protagonista viveu em um contexto em que mulheres, devido à questões desde religiosas a econômicas, sofriam as consequências do histórico de inferiorização da mulher, sendo alvo de violências físicas, psicológicas e sexuais, casamentos infelizes, prostituição, discriminação, entre outros entraves. Outras, curandeiras, as Nhás, eram respeitadas por sua utilidade social, além das chefes de família, vendedoras das quitandas. Acontece que essas mulheres, apesar de suas atividades reconhecidas e de suas características de valentia e empoderamento, não fugiram das consequências históricas do patriarcado. As mulheres apesar de uma submissão implícita, eram sujeitas às atividades domésticas, as quais eram as únicas a realizarem, além da repressão sexual e a obrigação de demonstrarem sua moralidade sexual.

Nesse sentido, para adentrarmos no estudo referente à construção da identidade da caricata Capitoa em meio ao contexto ervateiro, atentemos ao estudo da personagem acerca de suas características físicas e psicológicas.

Desde o início do conto, Capitoa é apresentada como uma figura acostumada a lutar, revolucionária. Perdeu seu marido em uma batalha no Rio Grande do Sul, mas mesmo em meio à dor, apoderou-se da farda e das armas de seu marido e continuou a lutar, estando à

frente das tropas, no lugar de seu companheiro. Permaneceu com atitudes de força e resistência, ao se ver sozinha, rumo à uma nova realidade territorial.

Fisicamente, foi caracterizada pelo narrador como mulher de “estrutura baixa, morena clara, cabelos negros compridos, olhos levemente esverdeados.” Suas características físicas vinham acompanhadas de de uma “voz grossa, autoritária e rompante, andar nervoso demonstrando constante insofreguidão.” (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 81). As vestimentas masculinas e as inseparáveis armas buscavam afastá-la do universo violento que sofriam mulheres vulneráveis no contexto ervateiro. “Além da sua inseparável espada e do 44 de cabo preto, usava uma faca e um belo rebenque, ambos com cabo chapeado de prata; lenço vermelho no pescoço, bombacha enfeitada com botões de várias cores, bota, esporastinideiras, fita de cor no cabelo e um chapelão de vistosa barbela, bem quebrado à testa, completava a sua indumentária.” (SEREJO, 2008, vol.1, p. 82-83).

Notamos que Maria Aparecida Belmonte levou consigo aspectos culturais do Rio Grande do Sul, de onde saíra rumo aos ervais mato-grossenses. Além da bombacha, levou para a fronteira a música e a dança de sua região proveniente. “Dava a vida por uma musiqueada, na qual sempre tomava parte como destra e hábil sanfoneira. Puxando a chorona, na execução de um xótis ou de uma valsa, lá do Rio Grande, punha quentura de fogueira de São João no coração de todo mundo. E era de se ver como se divertia nesses arrasta-pés afuleirados.” Tanto gostava das festas, que “organizava grandes bailes, com muito churrasco e alguma bebida”, e sua fama protegia os participantes de malfeitores paraguaios. (SEREJO, 2008, vol.1, p.82).

Mulher masculinizada, feiticeira, bissexual, valente. Relacionava-se com quem quisesse, e tinha poderio sobre aquele que escolhia amar. Esteve a frente de batalhas no Rio Grande do Sul, liderou bandos na fronteira Brasil-Paraguai, é a anti-heroína de Serejo.

Capitão diferencia-se de todas as personagens serejeanas. Protagonista da narrativa, chefe seu bando e de seus relacionamentos, demonstrou a liberdade sexual, mostrou-se dona de si e de seu destino. Porém, Serejo apresentou Capitão como uma figura caricata, “personagem plana marcada por uma qualidade ou por uma idéia que, levada ao extremo, funciona como uma distorção proposital a serviço da sátira, da crítica ou do cômico.” (BRAIT, 1985, 87-88).

Cabe destacar, nesta análise, a percepção de que o autor não pretendeu exaltar a figura da mulher fora dos padrões socialmente aceitos, mas narrou momentos da vida de uma personagem que conquistou sua liberdade, de forma que o leitor enxergasse com maior ênfase uma personagem extravagante, apontando mais para a sátira do que para a representação da

mulher resiliente da fronteira Brasil-Paraguai. Conseguimos enxergar, no processo da construção da narrativa, os conceitos conservadores advindos do autor, acerca do modelo ideal de mulher, apresentando uma visão caricata, de anti-heroísmo da personagem Capitoa.

A personagem difere-se das “heroínas dos ervais”, enaltecidas por Hélio Serejo. As “mulheres anêmicas, autênticas múmias, redivivas, corroídas por enfermidades várias, que gastam as últimas energias à beira de um riacho, batendo, de sol a sol, a roupa grosseira da peonada” (SEREJO, 2008, vol.6, p. 253), heroínas que se desgastavam nas indumentárias para auxiliar no pagamento de dívidas deixadas por seus maridos nos prostíbulos. Esposos que, após uma dura jornada de trabalho nos ervais mato-grossenses, tinham a permissão social de divertir-se com as chinas e aproveitar a liberdade sexual que o sexo masculino esbanja ao longo das gerações. Capitoa difere-se também das heroínas conhecedoras das ervas, as nhás, que dedicavam suas vidas a levar a cura e o aliviar a dor daqueles feridos e enfermos em meio ao trabalho nos ervais. Maria Belmonte também não sofreu a violência física e sexual que muitas heroínas sofreram. Aquelas que foram alugadas, vendidas e exploradas. As que foram destinadas a viverem em um ambiente hostil e de forte cultura de dominação econômica, política, cultural e de gênero.

Apesar de a protagonista ter sido apresentada de forma satirizada, conseguimos visualizar, com uma leitura interpretativa, uma personagem marcante também pela sua valentia, coragem e força, por ter lutado até o fim em uma guerra, mesmo depois da perda de seu companheiro em batalha, quando se viu sozinha, sem uma figura masculina ao seu lado, encaminhando-se para um ambiente de exploração e violência, entrou em um processo de mutabilidade identitária, em que suas vestimentas foram substituídas por vestes masculinas e armamento. De uma mulher casada, em um relacionamento monogâmico, partiu para a orientação sexual diferente da anterior à morte de seu marido, passando a relacionar-se com homens e mulheres, além de exercer domínio sobre seus parceiros. Levou consigo o espírito de liderança e à frente de bandos, amedrontava a muitos, e despertava o ódio em outros. Contudo, conseguiu proteger-se das mazelas a que as mulheres eram submetidas.

### **3.4. A construção da identidade de Capitoa**

A análise acerca da personagem feminina Capitoa parte, nesse momento do estudo, para o viés dos Estudos Culturais, com o objetivo de analisar a construção da identidade da personagem, que representa uma figura feminina inserida no contexto dos ervais mato-grossenses.

Nessa perspectiva, cabe, primeiramente, discutir a respeito do papel dos Estudos Culturais na análise literária, para que compreendamos a sua relevância na análise da personagem Capitoa.

Para tanto, ressaltamos a importância das contribuições de Jonathan Culler (1999). O autor traz em seu estudo a relação entre Estudos Literários e Estudos Culturais e esclarece que “o projeto dos Estudos Culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas [...]” (CULLER, 1999, p. 49). Estuda-se a literatura, nessa perspectiva, como uma prática cultural.

“Os estudos culturais nessa tradição são movidos pela tensão entre o desejo de recuperar a cultura popular como a expressão do povo ou de dar voz à cultura de grupos marginalizados, e o estudo da cultura de massas como uma imposição ideológica, uma formação ideológica opressora.” Sendo assim, surge o questionamento: “Em que medida as pessoas são construídas como sujeitos pelas formas e práticas culturais, que *interpelam* ou se dirigem a elas como pessoas com desejos e valores específicos?” A questão diz respeito às repetidas vezes que algo lhe é dirigido, o que faz com que o indivíduo tome aquela posição, valorizando um certo padrão a ser seguido. “Os estudos culturais indagam em que medida somos manipulados pelas formas culturais e em que medida ou de que maneiras somos capazes de usá-las para outros propósitos, exercendo a *agência*, como ela é chamada.” Culler explica a agência como “a questão de em que medida podemos ser sujeitos responsáveis por nossas ações e em que medida nossas escolhas aparentes são limitadas por forças que não controlamos.” (CULLER, 1999, p.51)

Entendemos, então, a construção da identidade como um processo não estático. Quando o autor contrapõe a cultura de massas com a cultura popular, compreendemos que a cultura de massa impõe valores padronizados e provoca uma formação identitária conforme o que é repetido às massas. A cultura popular é uma cultura de luta, que apesar de ser feita a partir da cultura de massa, busca elementos que se opõe a ela.

O trabalho dos Estudos Culturais se harmoniza particularmente com o caráter problemático da identidade e com as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas. Particularmente importante, portanto, é o estudo das culturas e identidades culturais instáveis que se colocam para grupos – minorias étnicas, imigrantes e mulheres – que podem ter problemas em identificar-se com a cultura mais ampla na qual se encontram – uma cultura que é ela própria uma construção ideológica que sofre mudanças. (CULLER, 1999, p. 32).

Dentre as personagens serejeanas, destacamos Capitoa como a figura que coloca em cheque a problemática da formação identitária de determinado grupo, etnia ou gênero. Como Culler (1999) colocou, alguns grupos de minoria podem ter dificuldades em identificar-se com a cultura mais ampla, o que acarreta mudanças identitárias. É o caso de Capitoa. A personagem, no início da narrativa mantinha um relacionamento heterossexual e monogâmico com seu marido Capitão Belmonte. O narrador deixa claro que a personagem lutava ao lado de seu marido em uma revolta no estado gaúcho. Isso mostra que Capitoa apresentava características diferenciadas das mulheres submissas que se casavam e seu papel exclusivo era cuidar dos afazeres domésticos e educação dos filhos. A personagem mostrou-se uma mulher de luta, forte e com ideologias formadas. Lutava ao lado de seu companheiro, porém a morte de seu marido em uma batalha não a fez retroceder, pelo contrário, Capitoa apoderou-se do armamento de seu esposo e apesar da dor do momento, continuou à frente da batalha, mostrando-se independente e persistente naquilo em que acreditava.

Após o término da revolução, Capitoa e os companheiros de luta decidem migrar para a região de fronteira, antigo Mato Grosso. Como uma forma de proteção da então hostilidade presente na região, Capitoa apoderou-se, além do armamento, das vestimentas do marido. Caracterizou-se como homem e na cidade de Nioaque apresentou-se com características adversas ao esperado de uma mulher.

Certo dia, bem próximo a Caruvi, num tremendo corpo a corpo, viu o esposo tombar por terra varado por uns espadaços para logo morrer sem dizer palavra. Não vacilou. Tirou-lhe a farda, o revólver e a espada e continuou comandando a tropa. Mereceu o respeito de todos, pois lutava com entusiasmo, inextinguível coragem e sangue frio. [...] Semana após, com mais alguns irmãos de luta, envereda-se rumo a Mato Grosso. (SEREJO, 2008, vol. 1, p. 81)

Na nova região, manteve tanto relacionamentos hétero, como homossexuais. Além disso, o narrador conta inúmeros casos de amantes, que mantinham um relacionamento forçado com Capitoa. Portanto, o modelo de relacionamento convencional passou a não ser seguido pela personagem, que após a morte do marido aderiu relacionamentos simultâneos. O narrador não conta nenhum caso de violência sexual sofrida por Capitoa, o que era comum naquela região no período, tampouco o risco de ser vendida ou alugada como outras personagens de Serejo foram. Capitoa era quem obrigava homens a se relacionarem com ela. Mantinham presos economicamente e pelo medo da morte e violência que poderiam sofrer caso tentassem fugir. A personagem construiu uma personalidade diferenciada, não característica das demais mulheres que viviam naquele contexto. Capitoa destacou-se dentre

as inúmeras figuras femininas de Serejo justamente por ser aquela que se transformou em alguém que conseguiria fugir das violências sofridas por mulheres naquele meio. Certamente, no meio social não seria vista como o modelo ideal de mulher pela cultura mais ampla que se encontrava, mas para si, aquele modelo era o ideal para conseguir sobreviver em meio à hostilidade local.

Capitosa apresentou-se como os personagens que “mudam de acordo com as mudanças em seus destinos, ou então a identidade se baseia em qualidades pessoais que são reveladas durante as atribuições de uma vida.” (CULLER, 1999, p. 109)

Apesar de a personagem Capitosa estar inserida na representação histórica do período correspondente ao Ciclo da Erva-mate, final do século XIX e início do século XX, para o estudo em questão, cabem na análise, além das contribuições de Culler (1999), as concepções acerca do estudo do homem pós-moderno advindas de estudos realizados a partir da década de 1960, em que se considera o conceito de identidade coletiva, não mais vista somente de forma individual.

Atentemo-nos para a identidade vista como um processo. Como explicitou Zilá Bernd, a identidade que está

[...] em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e interagindo na trama discursiva, como síntese inacabada, o conceito de identidades e sustenta logicamente e se revela extremamente útil para iluminar a leitura de textos que, produzidos em situações de cruzamento e de dominação cultural, procuram reencontrar ou redefinir seu território. (BERND, 2003, p. 18).

Entendemos, portanto, que a identidade não é algo acabado, imutável, definido, tampouco sua identificação individual, como cor e sexo; mas algo construído conforme o processo de determinação das relações sociais. A identidade é vista, nesse sentido, como uma construção em um processo impulsionado pelo exterior, o meio social.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p. 39).

Capitosa, em sua trajetória, perde momentaneamente sua identidade, visto que em dado momento de sua vida, após a morte de seu marido em uma Revolta no Rio Grande do Sul, migra para outro território, aos ervais mato-grossenses, na região de fronteira Brasil-

Paraguai, em que viu sua identidade ser adaptada pelas relações exteriores, houve a necessidade de adaptação à identidade cultural da região.

Isso não quer dizer que Capitoa anulou sua identidade completamente para que internalizasse a identidade das demais mulheres presentes na nova região cultural a que passou a conviver. A protagonista passou por um processo de transformação identitária a partir da morte do marido. Ao deslocar-se para a fronteira Brasil-Paraguai, assumiu uma nova identidade, diferente do que era no território anterior, não pelo desfacelamento integral de sua identidade original, mas com a fusão cultural ocorrida nesse processo. Sua identidade adaptou-se ao mundo hostil da erva-mate.

Esse choque cultural se deu no espaço intersticial, definido por Bhabha (1998) como “entre-lugar”, um terceiro espaço em que as culturas se encontram em um processo de hibridação, que “evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.” (BHABHA, 1998, p. 22) Essa base teórica, como explica Bernd (2003), “permite a Bhabha sair do binário, pois o espaço intersticial ou terceiro espaço não pretende ser um terceiro termo, mas um entre-lugar que os engloba e os ultrapassa.” (p. 29).

Capitoa, nesse espaço intersticial, representou o choque entre a identidade de uma mulher casada, socialmente de acordo com os moldes do regime patriarcal e modelo de família tradicional, com a realidade violenta, especialmente do grupo a que ela estaria ligada: mulheres; e com o modelo feminino predominante naquele meio e período.

Neste sentido, poderíamos afirmar que a construção identitária, assim como a história literária das Américas é marcada, de um lado, pela realização do trabalho de luto da origem e, de outro, pela tentativa de reinvenção de outras matrizes identitárias e culturais através das quais haveria reapropriação da nossa condição de sujeitos da história e da cultura (BERND, 2003, p. 24).

O modelo feminino encontrado por Capitoa influenciou a personagem a não seguir o mesmo modelo de mulher submissa ao homem e aos moldes comuns a uma heroína, assim, não teve o mesmo destino que grande parte das mulheres presentes nas narrativas de Serejo tiveram: dominação masculina, violência doméstica, estupros, livre comércio de mulheres, exploração sexual, prostituição ou uma vida de submissão ao marido, ou à sociedade moralista que a reprimiria. O choque cultural sofrido por Capitoa representou o seu passado (mulher casada); o presente (mulheres marginalizadas) e o que essa relação provocou



na personagem, como ente social, inserida naquele contexto: um modelo diferenciado de mulher, em que foi preferível adquirir um caráter dominador a ser vítima da dominação.

É possível, com essa análise, perceber que Capitoa acaba reforçando o patriarcado, na tentativa de fugir dele. Podemos observar que a personagem não só se apresenta fisicamente masculinizada para se defender de possíveis situações de violência, mas apodera-se do caráter dominador próprio de um patriarca. A protagonista não interrompe o ciclo de dominação, mas consegue colocar-se como dominadora, líder de sua casa, de seu bando e de seus relacionamentos.

Outro viés que julgamos pertinente expor na análise da personagem Capitoa, também tem relação à mutabilidade da identidade da protagonista. Para compreendermos tal fenômeno, partimos para o estudo da construção da identidade da personagem através das concepções de Lukács (1978), citado no capítulo primeiro. Através das concepções do materialismo-histórico, é possível analisar Capitoa como sujeito inserido em um meio e como ela se portou diante das relações sociais promovidas por aquele contexto. Além disso, nesse entendimento, a problemática da identidade é percebida como um processo contínuo de deslocamento, tendo em vista os elementos culturais, sociais, políticos, religiosos e de gênero.

Capitoa pode ser analisada colocando-a na tríade que compõe o processo contínuo de formação cultural e identitária, proposta por Lukács (1978), fazendo-nos retomar os conceitos de singularidade, universalidade e particularidade, para então trazer a teoria para a aplicabilidade na personagem protagonista.

Sendo assim, consideramos, a partir da concepção histórico-social do homem, que o sujeito singular é um ser social. Entendemos, então, que o homem é produto histórico-social, resultado de suas relações sociais. A formação identitária de Capitoa, nesse sentido, é resultado das suas apropriações no decorrer de sua vida social.

O indivíduo singular, Capitoa, sai de sua terra natal, após presenciar a tragédia da morte de seu marido e emerge em um novo mundo, os ervais mato-grossenses, onde se depara com as mais diversas situações provenientes do gênero humano – universal – e presencia uma região em ascensão econômica, devido ao empreendimento da Companhia Matte Larangeira; assim como o poderio político promovido pelo poderio econômico; as relações de trabalho; a exploração da mão de obra indígena e paraguaia e as condições trabalhistas dos assalariados; a condição, especialmente da mulher, vítima de um histórico de inferiorização e consequências do patriarcado. A personagem Capitoa, então, vê-se vulnerável a diversos tipos de violência, além da privação de direitos civis e sua transformação em mercadoria. O contexto social mostra os frutos da convivência humana e os problemas sociais que não se

resumem ao local geográfico somente, mas a fatores inerentes do ser humano em suas relações sociais.

Capittoa, indivíduo singular, inserida nesse contexto, em um processo universalizante, tem sua identidade constituída a partir de suas relações no meio a que está inserida, em suas relações sociais. A personagem optou por diferenciar-se dos demais modelos femininos. Não se prendeu às condições morais impostas a uma heroína, aquela que serve aos homens de alguma forma, seja como esposa ou como curandeira. Ela trouxe uma carga de valentia, que maximizou diante do ambiente hostil e o contexto de violência que as mulheres sem dono sofriam. A protagonista trouxe consigo a força de uma combatente a frente de uma guerra o que comprova um aspecto da formação identitária que outrora se processou. Naquele momento, em outro contexto, Capittoa participou desse mesmo processo ininterrupto que acompanha o indivíduo enquanto estiver inserido no meio social. “No contexto destas controvérsias, a dialética de universal e particular na sociedade tem uma função de grande monta; o particular representa aqui, precisamente, a expressão lógica das categorias de mediação entre homens singulares e a sociedade.” (LUKÁCS, 1978, p. 93).

Hélio Serejo conseguiu chegar à particularidade quando representou, em um conjunto de narrativas, mulheres singulares inseridas no contexto dos ervais mato-grossenses, na fronteira Brasil-Paraguai, e seus comportamentos como entes sociais. O autor atinge o particular também com Capittoa, ao apresentar uma personagem com características marcantes inserida em um contexto hostil e seus comportamentos construídos a partir de suas relações sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar as obras de Hélio Serejo, a fim de descobrir em seu fazer literário a representação da identidade cultural presente na região de fronteira Brasil-Paraguai, nos ervais mato-grossenses, no período correspondente ao Ciclo da Erva-mate, que se estendeu de 1883 até 1947.

Sendo assim, a pesquisa teve início no levantamento biográfico de Serejo, descobrindo um homem que se assume fronteiriço, que passou sua infância e adolescência em meio ao “mundo bruto da erva-mate”. Filho de um proprietário de terras na região de fronteira, não sofreu diretamente as consequências de um contexto de dominação, exploração do trabalho e lutas por poderio econômico e político, mas presenciou as mais variadas histórias nos ervais mato-grossenses. Portanto, pautou suas narrativas em tipos fronteiriços. Viu e ouviu muitas histórias, conheceu a fadiga dos trabalhadores, a ganância dos proprietários de terras e Companhias, as relações de trabalho, a violência contra a mulher e uma cultura de dominação e exploração. Então, Serejo construiu seus personagens com essa inspiração.

Com isso, os textos desenvolvidos buscaram promover discussões acerca de assuntos relevantes para a compreensão da estética regionalista e seus desdobramentos. Para isso, as reflexões foram pautadas, em sua maioria, à luz dos Estudos Culturais e o método do materialismo-histórico.

Nesse sentido, a pesquisa teórica, inicialmente, levou à reflexão acerca dos conceitos de regionalismo. Nesse viés, as concepções de Lúcia Miguel-Pereira ampliaram o regionalismo para uma visão não mais restrita à paisagem local, ao pitoresco, mas à capacidade de a obra de cunho regional relacionar-se a temas universais. Isso ocorre quando se leva em consideração não somente o espaço geográfico em questão, mas sim o processo de formação histórica e cultural da região.

Além das contribuições de Miguel-Pereira, Lígia Chiappini (1995) levou o estudo para uma percepção diferenciada da obra regionalista, esta desvincilhada da ideia de cumprir o papel de fotografia da paisagem regional. Tais estudos levaram-nos a uma análise da humanização da narrativa que nos leva perspectiva universal, através do efeito social representado, além do enfoque na questão da análise interior, da consciência do personagem, evidenciando os traços de universalidade.

A literatura, nesse sentido, problematiza consequências históricas, por meio das análises de formação de identidade, analisando o ambiente atrelado ao sujeito subjetivo

inserido naquele contexto e exercendo seu papel social nas relações humanas. Assim, na ânsia de encontrar evidências de universalidade na obra de Hélio Serejo, foi promovida uma discussão bastante pertinente sobre o “entre-lugar” na literatura regionalista. Autores como Homi Bhabha (1998) e Silviano Santiago (1982) trouxeram a percepção de que a fronteira Brasil-Paraguai é o local onde processo de hibridação cultural, processo representado na obra de Hélio Serejo. A exploração da erva-mate impulsionou o grande empreendimento de Thomaz Larangeira, e o desenvolvimento econômico da região atraiu imigrantes de diversos estados e países vizinhos, além de dar abertura para a exploração do trabalho indígena e paraguaio, consideradas mão de obra barata, visando um maior lucro. Todo esse processo que envolve aspectos econômicos e políticos, fez com que a região se tornasse um espaço de fusão cultural, um espaço intersticial onde há o encontro de universos diversos, em um processo de hibridação cultural e formação identitária.

Ainda em relação às discussões sobre o local e universal na obra serejeana, destacam-se as contribuições de Georg Lukács (1978), que promove uma reflexão sobre o contínuo processo que envolve o singular-universal-particular, na perspectiva do materialismo-histórico, em que se analisa o indivíduo singular em suas relações sociais, as condições universais, visto que o sujeito é um ente social, chegando à conclusão de que o homem é produto histórico-social.

Após essas reflexões, partimos para uma análise histórico-social da condição da mulher no Brasil, assim como a figura feminina foi representada ao longo das décadas, na literatura brasileira, como personagem, ser ficcional. Verificamos que historicamente a mulher foi marginalizada e inferiorizada, resultado de questões religiosas e econômicas. Com uma visão historiográfica, Mary Del Priori (1994) permitiu uma contextualização da situação da mulher, culpabilizada, desde o conhecimento do mito do Éden, pelas mazelas sociais presentes no mundo, privada do meio social e ascensão econômica.

O estudo da personagem feminina nas obras literárias brasileiras mostrou que tipos femininos construídos pelos autores acabam representando as consequências do patriarcalismo e inferiorização da mulher, destacando a violência, a repressão sexual, a sensualização da mulata, e os modelos de família que se pautam em um homem presente no âmbito público, e a mulher restrita ao âmbito privado. No mesmo raciocínio, as personagens serejeanas demonstraram as consequências de um histórico de marginalização. Dentre as figuras femininas construídas por Serejo estão as heroínas, aquelas resilientes, que permaneciam com parceiros infiéis; as que sofriam violência doméstica; as que eram comercializadas; e as conhecedoras das ervas e traziam cura para as feridas e enfermidades

que os fronteirços eram acometidos. E como destaque, a anti-heroína de Hélio Serejo: Capitoa.

Maria Aparecida Belmonte, viúva, perdera seu marido na guerra e se viu a frente da batalha, para honrar a memória de seu companheiro. Carregou a valentia e a coragem para as terras mato-grossenses, onde demonstrou a mutabilidade de sua identidade a partir de um deslocamento territorial, um novo ambiente. Capitoa agora com as vestimentas masculinas e o armamento na cintura, representou o processo de hibridação cultural, além da configuração da identidade cultural da personagem.

À luz dos Estudos Culturais, Jhonatan Culler (1999) esclareceu como as produções culturais ocorrem e como as identidades culturais são construídas. Tais conceitos atrelados às concepções de Bhabha (1998), Hall (2006) e Bernd (2003), levaram ao entendimento de que a formação identitária da personagem Capitoa se deu em um processo de determinação das relações sociais, em que se evidenciou a mutabilidade de uma identidade formada, que distanciou a personagem dos moldes femininos tidos como ideais naquele contexto, como também de possíveis violências físicas, sexuais e psicológicas sofridas pelo fato de pertencer ao grupo marginalizado das mulheres.

Utilizamos a análise da personagem Capitoa, dialogando com as demais figuras femininas encontradas no conjunto da obra de Serejo, para que, a partir de um viés específico, do estudo das personagens femininas, observemos os traços de universalidade nas narrativas do autor. É nítido que as obras serejeanas abrangem aspectos que vão além do espaço geográfico. A fronteira Brasil-Paraguai é lugar significativo não por seus elementos paisagísticos, mas por ser um espaço de encontro de culturas, impulsionado por aspectos políticos e econômicos que levaram à formação histórica da região. Portanto, estudar o sujeito inserido nesse espaço intersticial, em suas relações sociais, representado pelas personagens construídas por Serejo é de considerável relevância.

Em vista da hostilidade encontrada no território para onde Capitoa migrou, e sua condição de mulher “sem dono”, aquela que não teria o respeito dos homens dos ervais, sua identidade foi moldada conforme suas relações sociais. Em um processo de construção identitária, a personagem assumiu um modelo diferenciado, masculinizou-se fisicamente e tomou para si o comportamento inerente a um patriarca. O ambiente de dominação, as interações sociais naquele meio, somados à singularidade da protagonista resultaram em uma figura dominadora. Nesse sentido, Serejo chega à particularidade, o interstício entre o singular e o universal.

É possível perceber a personagem como figura que representa o sujeito como ente individual e ao mesmo tempo social. O estudo das figuras femininas possibilitou essa percepção, bem como concluir que Hélio Serejo chega à universalidade ao apresentar personagens singulares representando construções identitárias como resultado das relações sociais.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS DE HÉLIO SEREJO:

SEREJO, Hélio. **Contos Crioulos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1988.

\_\_\_\_\_. Caraiá. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. VI. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Contos Crioulos. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. IX. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Fiapos de Regionalismo. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. IX. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Homens de Aço. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. I. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Paisagem sertaneja. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. VI. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Lobisomem. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. I. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Pialo Bagual. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. I. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Quatro Contos. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. I. Campo Grande: IHGMS, 2008.

\_\_\_\_\_. Vida de Erval. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. IV. Campo Grande: IHGMS, 2008.

### OBRAS REFERENCIADAS E CONSULTADAS

ALENCAR, José de. Iracema. In: ALENCAR, José de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960, vol.III.

\_\_\_\_\_. **Lucíola**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

\_\_\_\_\_. **O Guarani**. 15. ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Senhora**. Editora Klick. São Paulo, 1997.

ALMEIDA, J.M.G. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livros das noivas**. 2ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1896.

ALMEIDA, Manoel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. 25. ed. São Paulo: Ática, 1996.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de Guerra**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ANASTÁCIO, E.B.A. Hélio Serejo: **Por uma literatura entre as orilhas da fronteira**. Tese (Doutorado). São José do Rio Preto: UNESP, 2014.

ARISTÓTELES. **Poética**. Traduzido por Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

AZEVEDO, Aluizio de. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.

BARZOTTO, Leoné Astride. O entre-lugar na literatura regionalista: articulando nuances culturais. In: **Revista Raído**. v.4, n.7, p. 23-36, jan/jun, 2010.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BRAUKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. O criouliismo de Hélio Serejo: uma representação literária do regionalismo no Mato Grosso do Sul. IN: **Revista REVELL**. Ano 2, V.1, 2011.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr. **História de Mato Grosso Do Sul**. 4 ed. Campo Grande – MS: Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.

\_\_\_\_\_. **O trilhador de todos os caminhos**. In: Obras Completas de Hélio Serejo – Vol. 10. Campo Grande: IHGMS, 2008.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo n 24, 24 set. 1972.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

\_\_\_\_\_. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para sair da modernidade**.

Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CENTENO, Carla Villamaina. **Educação e Fronteira com o Paraguai na Historiografia Mato-Grossense (1870-1950)**. Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2007.

CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. IN: **Pontos de Vista. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, 1995, p. 153-159.

COSTA, Lygia Militz da. **A poética de Aristóteles: mímese e verossimilhança**. São Paulo: Ática, 1992.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Volume 3. 2.ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.

\_\_\_\_\_. **A literatura no Brasil. Parte II/ Estilos de época**. Era Modernista. Volume 5. Ed. 7. São Paulo: Global Editora, 2004.



\_\_\_\_\_. **Introdução à literatura no Brasil**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares LTDA, 1968.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: Uma introdução**; tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.

DINIZ, Dilma. C. B.; COELHO, Haydée. R. Regionalismo. IN: FIGUEIREDO, Eurídice. (org). **Conceitos de literatura e cultura**. 2 ed. Niterói: EdUff; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 415-433.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. IN: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, Belo Horizonte, Volume 17-A, 2009

FERNANDES, João Azevedo. **De cunhã a mameluca. A mulher tupinambá e o nascimento do Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. IN: FIGUEIREDO, Eurídice. (org). **Conceitos de literatura e cultura**. 2 ed. Niterói: EdUff; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 189-206.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HÄMBURGER, Kate. **A lógica da criação literária**. Tradução: Margot P. Malnic. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. IN: FIGUEIREDO, Eurídice. (org). **Conceitos de literatura e cultura**. 2 ed. Niterói: EdUff; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 125-142.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco: 1998.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1978.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, ed. 1, 2004.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira, prosa de ficção de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1973.

POLATO, Adriana Delmira. O Romance Regionalista Pós 30 e seu valor enquanto produção cultural: uma leitura das intersecções culturais e ideológicas para compreensão da identidade brasileira. In: **I Encontro de diálogos literários: Um olhar para além das fronteiras**. 2013.

PRIORI, Mary Del. **A mulher na história do Brasil**. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 1994.

QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano: 2002.  
 \_\_\_\_\_. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 74. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

REIS, Elpídio. **Os 13 pontos de Hélio Serejo**. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1980.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação, 1995.

ROSA, João Guimarães de. **Grande Sertão: Veredas**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. IN: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-29.  
 \_\_\_\_\_. **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Serley dos Santos e. **Hélio Serejo: as faces da memória no universo do poeta ervateiro**. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

VIANNA, Magdala França. Crioulização e criouldade. IN: FIGUEIREDO, Eurídice. (org). **Conceitos de literatura e cultura**. 2 ed. Niterói: EdUff; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 103-123.

ZOLIN, Lucia O. Literatura de autoria feminina. IN: BONNICI, T; ZOLIN, Lúcia O. (org). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.